

AMACA

-CEU-OR: COZOMIL-RO
X.X.



ANNON.
Nº 168

RIO de JANEIRO
25 de ABRIL
1925

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
4. BRUNO

"Lambary" que o couro arriscas
E a água trocas pelo sol,
Não engulas minhas iscas...
Cospe apenas no arrol!



EXPEDIENTE

"A MAÇA"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X.

Proprietarios: H. de Campos & Cia.

Redacção: Rua do Rosario, 108 — 2.º andar

Administração: Rua da Quitanda, 59

Officinas: Avenida Mem de Sá, 236-240 — Rio de Janeiro — Brasil

Aos nossos agentes de venda avulsa, do interior, que se encontram em atrazo de pagamento, solicitamos a remessa das importancias correspondentes aos seus debitos, em vale postal, com a maxima brevidade.

Dentre esses pedimos resposta, ás nossas reiteradas cartas, aos seguintes:

Alfredo Fernandes	— Antonio Carlos	— Minas
Candido Mosqueira	— Pomba	—
Domingos Orfanó	— Alfenas	—
Francisco Gonthier	— Dôres do Indayá	—
Joaquim Louro	— Mar de Hespanha	—
José Fausto Dias	— Ponte Nova	—
Raymundo Dias	—	—
Modesto Vieira	— Jequitinhonha	—
Antonio Gentile	— Soledade	—
	— Caxambú	—
Nestor Lopes Coelho	— S. Sebastião do Paraizo	—
Sizenando Itabaiana	— Januaria	—
Armando Santos	— Viçosa	—
Luiz Fontana	— Ouro Preto	—
Agenor Pereira da Cunha	— Itajubá	—
A. B. C.	— S. João d'El Rei	—
Brito & Santos	— Patrocínio	—
Nicanor Figueiredo	— Pirapora	—
Mario Salgueiro Vianna.	— S. L. Carangola	—
Alfredo Barbosa da Silva	— Sete Lagoas	—
Othon Dias	— Machado	—
Abraham Bichana	— Leopoldina	—
Carlos Alves	— Januaria	—
Joaquim Pedro Barbosa Junior	— Patrocínio	—
C. Oliveira Azevedo	— Oiveira	—
S. Rezende	—	—
M. Franco	— Itauna	—
A. Salles	— Caratinga	—

Assinatura e venda avulsa

Estados:	Capital:
Anno..... 25\$000	Numero avulso..... \$500
Anno (sob registro)..... 50\$000	Atrasado..... \$600
Numero avulso..... \$600	Idem, sob registro mais.. \$600

Para o Exterior

Porte simples:	Registrado:
Anno..... 50\$000	Anno..... 60\$000
Semestre..... 30\$000	Semestre..... 35\$000

Publicação retribuida — (Anuncios) — Preço por vez

Em papel couchê	Em papel assefinado
1 pagina..... 250\$000	1 pagina..... 200\$000
1/2 "..... 130\$000	1/2 "..... 110\$000
1/4 "..... 70\$000	1/4 "..... 60\$000
Capa anterior - (cores).. 450\$000	Publicações especiaes no texto, 5\$000
Contra capa, 1a. e 2.a 550\$000	a linha, por vez, escala corpo 7

Toda correspondencia deve ser dirigida a João de Abreu

REMEDIO SOBERANO

A Preparação do Dr. Crossman é um remedio soberano para a Gonorrheia aguda ou chronica e para toda a classe de enfermidades secretas. Não só elimina os symptomas e manifestações externas, como também, e principalmente, ataca os germens que produzem e propagam a infecção, estimulando ao mesmo tempo os tecidos para que possam reparar os estragos causados pela enfermidade.

A Preparação do Dr. Crossman patenteia bem claramente as suas propriedades curativas, particularmente nos casos de enfermidades de annos, em que teem sobrevivendo variadas complicações, depois da infecção primitiva.

A Preparação do Dr. Crossman não produz transtornos digestivos; pelo contrario, evita-os, por causa da sua acção estimulante. A isto se deve que seja de igual efficacia em ambos os sexos. Nenhuma injeccões ou irrigações são necessarias.

A Preparação do Dr. Crossman cumpre fielmente o que outros medicamentos não fazem mais que prometter. Um frasco de ensaio provará o seu merito; dois frascos bastam para os casos usuaes.

À venda em todas as principaes Pharmacias e Drogarias.

Patente 142, de 3 de Julho de 1917

TELEPHONE DO ESPECIALISTA

— Sim, minha senhora, é frequente, na gravidez, aggravar-se esse corrimento, que se chama leucorrhéa e do qual soffrem muitas moças e meninas porque abusam da saude e não se queixam ou não usam o remedio apropriado.

— O unico efficaz e inoffensivo é o BLENOL.

— E' urgente começar a tomal-o para evitar soffrimentos ao nasciturno e á mãe no acto da «de-livrance».

Lic. pelo D. N. S. P. em 20-5-1900, sob o n. 44

A libertinagem serve mais para destruir do que para multiplicar os homens.

Quintilliano

TOSSE

e MOLESTIAS do PEITO
usem sempre o
"GRINDELIA"
DE OLIVEIRA JUNIOR

— PODEROSO CALMANTE, TONICO
E EXPECTORANTE —

Pedir e exigir sempre: **"GRINDELIA OLIVEIRA JUNIOR"**

VANADIOL

**FORTIFICANTE INSUPERAVEL EM
TODOS OS CASOS DE FRAQUEZA
E EM QUALQUER IDADE
ACONSELHADO PELOS MEDICOS COMO O MAIS
EFFICAZ REVIGORADOR
DA
SAÚDE**

A MAÇA

Numeroz atrazados, desde o primeiro, publicado
em 11 de Fevereiro de 1922, encontram-se na
LIVRARIA BRAZ LAURIA —
R. Gonçalves Dias, 78

Tanta laranja madura,
Tanto limão pelo chão,
Tanta menina bonita,
Tanto rapaz bestalhão!

Nada humilha tanto as mulheres como a
confiança que nellas depositam os homens. Toda
paixão livre de temores é para ellas um insulto.

Soulié.



Em amor, a mulher virtuosa diz — não; a
apaixonada — sim; a caprichosa — sim e não; a
coquette — nem não nem sim.

C. de Bernard

OS QUATRO CAVALLEIROS DO APOCALYPSE

O MAIS BELLO ROMANCE DA ÉPOCA
A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
VERSÃO BRASILEIRA DE PAULO VARZEA

EDITADA PELA CASA

BENJAMIN COSTALLAT & MIGCOLIS

UMA HISTORIA, DE CAMARA LIMA

N'uma freguezia rural da minha terra, a Ribeirinha, vivia um velho frade com grandes dificuldades. Um precursor d'estes senhores tinha acabado com os conventos, e o nosso frei José mantinha-se da sua agencia, tomando parte em funcções religiosas, mormente nas do Espirito Santo. Era muito disputado, por que era cantor de fama. Um vozeirão que enchia uma egreja.

Era certo e sabido. O imperador mandava-lhe o convite para a coroação e a offerta do estylo, uma boa alcatra. E frei José correspondia bizarramente, abrilhantando a festividade com a sua voz de stentor.

Ora succedeu, um dia, que um imperador mandou ao nosso frade, com o convite, um presente miseravel, que bem definirei dizendo que era um osso com alguma carne. Frei José encordou, resmungou mas não disse nada.

Chegou o dia da festa e o bom frade lá estava. Mas, não abriu bico.

O imperador foi ás nuvens!

— Oh sr. frei José, vossa reverendissima não canta?

O frade tornou-se vermelho como um tomate e respondeu:

— Cantar, eu? Nada! Carne é que canta; osso assobia...

E não cantou...

CAMARA LIMA



LOTERIA FEDERAL

UNICA official.
UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.
UNICA por cujos premios responde o Thesouro.
UNICA extrahida á vista do publico nesta Capital.
CAPITAL: 3.000 contos com o deposito de 500 contos no Thesouro.
PREMIO proprio, á Rua 1.º de Março, 110, com frente para á Rua Visconde de Itaboraip, 67. Extracções diarias ás 2 1/2, e ás 3 horas aos sabbados.
Pedidos de bilhetes com mais 900 réis para o porte.

ODONTOL

PASTA PU' - ELIXIR
DENTIFRICIOS
MANTEM A
HYGIENE
DA BOCCA

CLAREAM E
CONSERVAM
OS DENTES

PERFUMAM
O HALITO

Em todas as
Pharmacias,
Drogarias,
Perfumarias.

ou no
deposito

Fco. GIFFONI

1º de Março 17

Não quero mais fazer roça
Que a sorte vem contra mim:
Planto canna, nasce alpista,
Planto arroz, nasce capim.

Numeros afrazados da AMAÇA

encontram-se á venda na Livraria BRAZ LAURIA
Gonçalves Dias, 78

Cabellos á Ingloze e la Garçonne

Botelho, especialista a domicilio. T. S. 1504

O divorcio é uma necessidade nas civilizações adeantadas.

Montesquieu



Biotônico

FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE



O Biotônico Fontoura restabelece as forças, melhora as funções digestivas, combate a depressão nervosa e a fraqueza muscular, melhora a composição do sangue aumentando os globulos sanguineos, estimula a actividade celular e contribue para restabelecer a saude nos organismos depauperados. App. pelo D. N. de Saude Publica, em 27-4-1918, sob o N. 175

Amar a duas pessoas
Não pode um só coração.
Deus formou uma só Eva
Por ter feito um só Adão.

Dr. Luiz Sampaio

MEDICO OPERADOR E PRATICO
CONSULTOIOS: RUA LARGA 55

Telephone Norte 5184,

das 10 às 2 da tarde; gratis aos pobres.

RODRIGO SILVA, 26
(esq. da Rua da Assembléa)

Telephone Central 6181, de 4 às 6 horas.
ATTENDE A CHAMADOS COM A MAIOR
PRESTEZA POSSIVEL



BLENNORRHAGIA, CYSTITIS, CATHARRO DA BEXIGA

Tratamento rapido e completo com a

*Injecção Anti-Blenorrhagica, Capsu-
las citrinas e*

Licor de Alcatrão Composto de

MEDEIROS GOMES

Deposito: ALFANDEGA, 213 e AV. PASSOS, 86

Pharmacia N. S. Auxiliadora

Lic. pelo D. N. S. P. sob os ns. 573, 694 e 40

A maioria das mulheres passam a vida offen-
dendo a Deus e confessando-se de havel-o offendi-
do. — **Clemente XIV**

OLHOS

Inflamações e purgações

USE O

COLLYRIO MOURA BRAZIL

"A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL"

Sociedade de Seguros sobre a vida

Séde social: AVENIDA RIO BRANCO, 125 — RIO DE JANEIRO

(EDIFÍCIO DE SUA PROPRIEDADE)

RELAÇÃO DAS APOLICES SORTEADAS, EM DINHEIRO, EM VIDA DO SEGURADO

75.^o Sorteio — 15 de Abril de 1925

99.590 — José Borges de Mello e esposa.....	Parnahyba — Piahy.
129.210 — Dionysio Antonio Acylles Carrano.....	Curityba — Paraná.
141.808 — Manoel Affonso Rodrigues.....	Belém — Pará.
101.947 — Manoel Ribeiro da Cruz e esposa.....	Cururupú — Maranhão.
93.653 — Vicente Ferreira da Ponte.....	Fortaleza — Ceará.
114.375 — Joaquim Sanz Alberto.....	Livramento — Rio Grande do Sul.
135.452 — Arthur de Souza Araujo.....	Aracajú — Sergipe.
137.389 — Manoel Ribeiro Granja.....	Rio Largo — Alagoas.
146.826 — Jeremias Sandoval e esposa.....	Victoria — E. Santo.
98.180 — José Antonio Alves de Brito Filho.....	Ituassú — Bahia.
94.560 — Severo de Albuquerque.....	Nazareth — Idem.
126.450 — Abel Alves Pereira Rego.....	Petropolis — E. do Rio.
130.585 — Boanerges Borges da Silveira.....	Bom Jesus Itabapoana — idem.
135.147 — João Pereira dos Santos.....	Idem — idem.
144.148 — José Guedes Coelho.....	Itaocara — idem.
131.513 — Manoel Cordeiro de Mello.....	Catende — Pernambuco.
144.422 — Chrispim de Amorim Coelho.....	Petrolina — Idem.
137.909 — Jayme Estacio de Lima Brandão.....	Recife — Idem.
134.295 — José Bandeira de Oliveira.....	Idem — Idem.
132.291 — Augusto G. de Albuquerque Galvão.....	Idem — Idem.
142.738 — D. Amelia Evaristo de Souza.....	Diamantina — Minas Geraes.
102.810 — Vicente de Andrade Racioppi.....	Queluz — Idem.
140.420 — Alfredo Bicalho.....	S. Paulo Muriaé — Idem.
138.737 — Gastão Alvares Fernandes Vieira.....	Bocayuva — Idem.
138.244 — Armenio Ferreira Porto.....	Varginha — Idem.
125.012 — Thomé Elysio de Freitas.....	Monte Santo — Idem.
130.493 — Eduardo Siqueira da Costa.....	Ewbank da Camara — Idem.
135.511 — Durval Martins Villela.....	Juiz de Fóra — Idem.
147.966 — José de Campos Valladares.....	João Pinheiro — Idem.
146.860 — Antonio Rerna.....	Viçosa — Idem.
141.454 — Alfredo Blum.....	S. Paulo — S. Paulo.
140.753 — Roggieri Piero.....	Idem — Idem.
138.788 — Vito Centrone.....	Idem — idem.
143.859 — Luiz Lemos do Val.....	Idem — Idem.
96.837 — Eurico de Almeida Land Avellar.....	Santa Adelia — Idem.
135.495 — João de Oliveira Machado.....	S. J. Rio Pardo — Idem.
95.910 — José Adriano Marrey Junior.....	S. Paulo — Idem.
99.456 — José Soares de Almeida.....	Idem — idem.
137.138 — Alberto dos Santos Nobrega.....	Idem — Idem.
142.156 — Christiano Dutra do Nascimento.....	Vargem Grande — Idem.
146.066 — Estacio Nunes da Silva.....	Pennapolis — Idem.
52.053 — Antonio José Tavares.....	Ribeirão Bonito — Idem.
147.345 — Carlos de Paiva Meira.....	S. Paulo — Idem.
124.124 — José de Oliveira Malheiro.....	Catanduva — Idem.
145.053 — Francisco Mesquita.....	S. Paulo — Idem.
144.912 — Manoel Aurelio de Mello.....	Capital Federal.
108.204 — Alvaro da Costa e Silva.....	Idem.
86.792 — Francisco da Silva França.....	Idem.
142.888 — Antonio Ferreira da Rocha.....	Idem.
110.466 — João Carvalho Araujo.....	Idem.
126.016 — Antonio A. de Lima Junior.....	Idem.
130.402 — Alvino dos Santos.....	Idem.
115.176 — Antonio Cardoso Lopes.....	Idem.
106.553 — D. Honorina de P. da Motta Pacheco.....	Idem.
107.534 — Estevão Onetto.....	Idem.
108.231 — Manoel Rodrigues Esteves.....	Idem.
146.029 — José Eduardo Lucio.....	Idem.
119.913 — José Antonio de Sá.....	Idem.
110.694 — José Rainho da Silva Carneiro.....	Idem.
141.925 — Adamastor Antonio Cantarino.....	Idem.

NOTA — A EQUITATIVA tem sorteado, até esta data, 2.305 apolices, no valor de 10.605.369\$500, importancia paga em dinheiro aos respectivos segurados, continuando as mesmas em vigor, com direito aos sorteios ulteriores.

Filmando.

Chronica

Tomemos, ao acaso, um desses programmas, que todos os cinemas da cidade offerecem aos espectadores que entram. Vamos lê-lo com atenção, não por alto, como costumamos fazer. Enquanto esperamos o início da sessão, comodamente installados nas poltronas da sala de espera, em vez de analyzarmos as silhuetas que entram, tarefa mais grata por certo, analyzemos o programma que temos nas mãos, tarefa, não tão agradável, mas bastante divertida.

Accresce que o elemento feminino, que frequenta os cinemas, é pouco variado. São sempre as mesmas mascaras de *rouge*, de *crème*, de pó de arroz; os mesmos vestidos, de sêda, curtos, simples, transparentes, sem mangas: — uma camisola amarrada á cintura; os mesmos cabellos cortados, nu-cas raspadas; as mesmas em tudo.

Nos programmas, não: ha variedade. As asneiras nunca se repetem, são sempre differentes, revelando a fecundidade prodigiosa do cerebro que as concebe.

Este, que temos agora nas mãos, por exemplo, traz a descripção de um film, «Uma noite de Amor», com Viola Dana e Adolphe Menjou. E' a historia de um escriptor Egmond Duverne, que, diz o programma «ama sua esposa com muito mais paixão do que juizo»; e julga conhecer a psychologia feminina «pela razão de já haver escripto meia duzia de novellas sobre o sexo encantador».

Mas a mulhersinha «encara o amor como uma manifestação violenta e mesmo brutal»; por outras palavras: é uma dessas mulheres que gostam de ver no homem o Macho dominador e brutal, senhor absoluto que patentêa o seu

dominio espancando a mulher, a femea submissa e escrava. E é o que diz o narrador: «Thereza desejaria que seu marido fosse um tyranno que a insultasse ou até a espancasse, como fazia com as suas amantes, os protagonistas das novellas que lê».

Linhas adeante, essa mesma Thereza, que diríamos de Traz os Montes se fallasse melhor, exclama dramaticamente: «Recuso sahir de casa. Se quizeres vás só...» Só mesmo a pancada!

E pancada merece o autor de tamanhas as-nidades quando, adeante, faz a heroína bradar

irada: «Si fosse um homem, haviás de me obrigar a ir á soirée».

Mais: o tratamento que um marido deve dispensar para com sua mulher.

E outras mais, innumerables, do mesmo calibre, innominaveis attentados que ficam impunes, porque não é crime dizer ou escrever bestidades.

Os jornaes, unico alimento intellectual das classes pobres, são, aliás, os primeiros a contrariar as noções de syntaxe e de orthographia que receberam nos collegios aquelles que os lêem. E fazem-n'o com a inconsciencia, melhor diríamos com a innocencia, com que os irracionais devorariam as plantas raras de um jardim. Um jornal do dia 20 passado, traz, em letras graúdas, na primeira pagina, um titulo retumbante:

«Surge, no Rio, os açambarcadores de casas para alugar!»

Que fazer, deante disto? Curvemo-nos e conformemo-nos.

M.

✦ ✦ ✦

Falla-se tambem, que William S. Hart, para nós, bananeira que já deu cacho irá figurar entre os artistas da empresa recém-formada.



William Faversham, astro da Paramount, notabilizado pelo magnifico trabalho que desenvolveu em «The Silver King», foi uma das maiores figuras do palco americano. Nascido em Londres a 12 de Fevereiro de 1868 e educado em Chigwell e no Hillmartin College, escolheu a carreira militar, tendo feito parte do Regimento de Warwickshire.



Aborrecido em pouco da vida militar, dedicou-se ao theatro sob a direcção de Carlotta Leeleq. Sua estrêa no palco foi na peça «Retained for the Defense». Convencido de haver tomado com a verdadeira vo-

cação, Faversham partiu para os Estados Unidos. Estreou em New York no velho Union Square Theatre, a 17 de Janeiro de 1887 em «Pen and Ink».

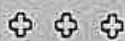
Em 1901 appareceu pela primeira vez como «astro», indo, desde então, em augmento a sua popularidade, que alcançou o auge em 1908, quando appareceu na peça «The Wold and his Wife». Desejoso de figurar em um film, conseguiu o principal papel em «The Silver King» que ainda mais conhecido se tornou. Faversham reside em New York embora mantenha uma casa em Old Manor, Chiddingfold, Surrey, Inglaterra.



Carmel Myers partirá dentro em breve para a Europa, pretendendo visitar, especialmente, Paris e Vienna. Vienna foi o seu berço natal e a conhecida actriz conta ali innumeras relações.



Eileen Sedgwick nasceu em Galveston, Texas, ha vinte e cinco annos.



Leatrice Joy é casada com John Gilbert.



William Russel é divorciado de Charlotte Burton e vive em Los Angeles.



Rudolph Valentino em «Monsieur Beaucaire» terá, ao que parece, tres companheiras encantadoras: Bebe Daniels, Lois Wilson e Helene Chadwick.



Falla-se em Hollywood, do proximo casamento de Ralph Graves, viuvo ha cerca de um anno. Não se «Monsieur Beaucaire» terá,



A Preferred contará desde agora no seu elenco, a antiga actriz da Fox Alyel Mills, com a qual firmou contracto.



Jack Mulhall e Alma Rubens interpretam os dois papeis capitaes da proxima produção da Fox, intitulada «She Wolves».



A principal figura feminina do film «Men and Women», dirigido por William de Mille para a Paramount, é Flora Finch.

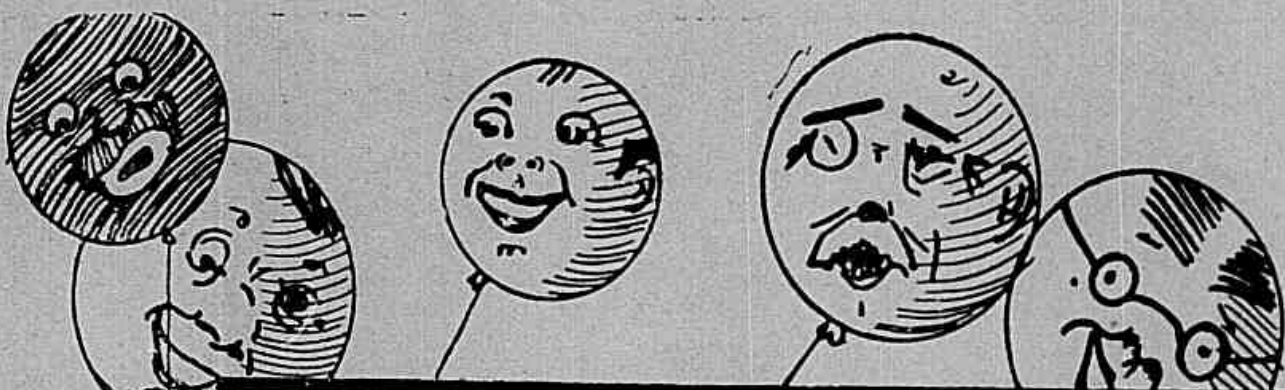


Norman Kerry e Patsy Ruth Miller são os artistas que interpretam os papeis mais importantes do film «Lorraine of the Lions», dirigido por Edward Sedgwick.

DR. PAPA FITA

Clinica Medico Cirurgica de Doenças dos
Colons, Rectum e Anus
Tratamento especial indolor das
HEMORRHOIDAS
SEM OPERAÇÃO
DR. RAUL PITANGA SANTOS
Da Faculdade de Medicina
Rua do Passeio, 56-Sob.
Cons. de 1 ás 4 horas





O HUMORISMO NOS ESTADOS
(S. PAULO)

OUVINDO A VIUVA ALEGRE POK EUGLYDES ANDRADE

Anna Glavary, a ditosa viuva alegre, resistia impavida aos galanteios dos numerosos candidatos aos seus cobiçados 20 milhões, quando cheguei ao theatro.

O baile na embaixada estava animadissimo.

O guapo tenente «Rossillon» fazia madrigaes aos lindos olhos negros e brilhantes de «Valencienne», que, encostada negligentemente num divan, parecia presa aos labios do brilhante official, quando heroicamente ensandichei-me na minha poltrona da segunda fila, entre uma gordurosa matrona, compatriota de Cid, el Campeador e os collarinhos reluzentes e enormes de um cavalheiro tagarella.

Os senhores já tiveram algum dia a desdita de se sentar num theatro, entre uma senhora gorda e irrequieta e um cavalheiro magro e fecundo?

Creiam que é uma tortura, insuportavel. Insuportavel, principalmente quando o cavalheiro magro dá para, mesmo sem nos conhecer, querer nos contar o enredo da peça.

Isso é de enlouquecer um frade de pedra ou de perturbar a digestão á uma avestruz!...

Pois, eu, hontem, tive a meu lado no theatro um amavel cavalheiro desses taes que gostam de contar á gente o enredo da peça e antecipar a graça que o artista vae fazer em scena.

— O sr. quer ver?... Elle, agora, em vez de 20 milhões, vae ler naquelle telegramma 20 melões... Muito engraçado, não é?

— E', sim, senhor...

— Olhe, agora a Anna Glavary vae cantar a celebre canção do segundo acto.

E' linda, pois não é? Vyllia, ó Vyllia, nympha del bosque!...

E o galfarro começa a cantar baixinho, junto ao meu ouvido, que, de vez em quando, inunda de perdigotos — a celebre canção do 2.º acto...

De vez em quando o bandido volta-se na poltrona para ver as senhoras das frizas e enche-me os flancos de cotovelladas.

— Linda, aquella pequena, que alli está, não é? E' a Margot, um peixão, um pancadão meu caro amigo... como é mesmo o seu nome?...

— Fulano dos Anzóes...

— Muito prazer em conhecê-lo. Eu sou funcionario publico... Trabalho na Secretaria da Agricultura. Quer dizer: trabalhar mesmo — o que se diz trabalhar, não trabalho. Vou apenas no fim do mez assignar o ponto e receber os vencimentos.

E' uma vida muito penosa, a de funcionario publico, pois não é seu, (como é mesmo o seu nome?) ah! agora me lembro — seu Fulano dos Anzóes...

— Ah! penosissima!... Principalmente a sua, meu querido, meu presadissimo amigo...

E o carrasco por ahi vae a fallar, a fallar, a fallar, sem um instante de folga para os meus ouvidos e com grande, com enorme indignação da minha parte, pois eu fôra ao theatro para ouvir a Viuva Alegre e — para que negal-o? para ver rostinhos lindos...

Do outro lado, a matrona hespanhola, compatriota do Cid, parece que tem bicho carpinteiro no corpo, vira-se e revira-se a todo momento, coça-se com gana e, de vez em quando derruba sobre os meus pobres hombros o peso do seu toucinho avantajado.

Afinal, quando «Anna Glavary» explicava ao desditoso Barão Zeta a historia do kiosque eu, prestes a rebentar de uma apoplexia, voltei-me para o meu amigo funcionario, que imperturbavelmente me descrevia o que se iria passar no resto do acto e pedi-lhe:

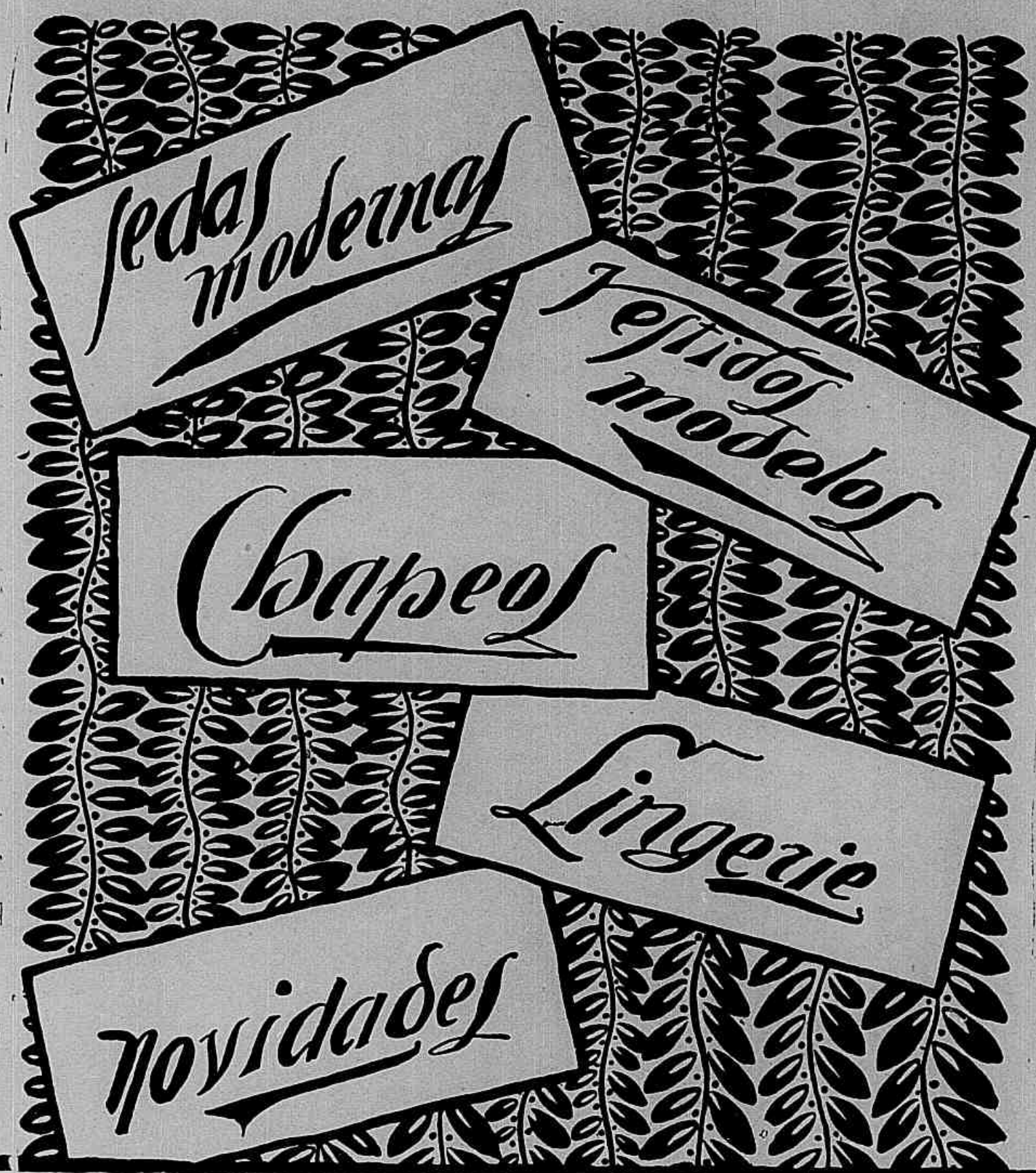
— O meu amigo faz-me um favor: chama alli o porteiro, sim?

— Para que?

— E' para que elle vá lá dentro á caixa, e diga aos artistas que falem mais baixo, pois assim, não me deixam ouvir ao senhor...

EUCLYDES DE ANDRADE





NORTRE DAME DE PARIS

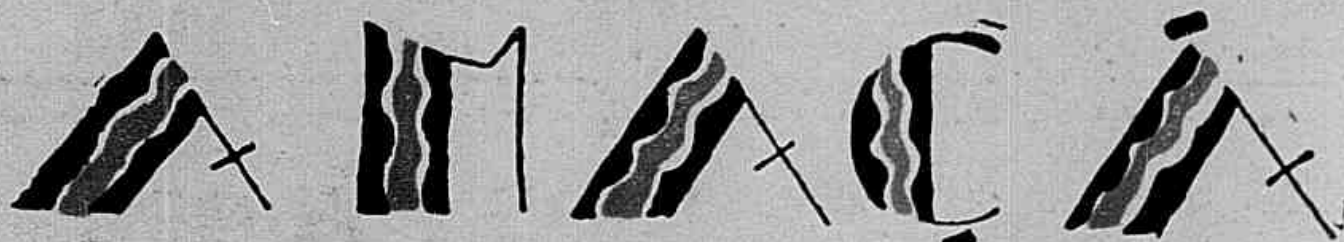
182, Ouvidor

AO 1º BARATEIRO

Av. Rio ! Branco, 100

A' BRASILEIRA

Largo S. Francisco, 38-42



W H R E C N O R

CONSELHEIRO XX
N. 168 ANNO. IV



Rio de Janeiro, 25 de Abril de 1925

■ ■ O LAVATORIO ■ ■

Quando o joven pintor futurista Veridiano Caldas recebeu aquelle convite do commendador Octacilio Sobreira para o jantar em honra do senador Polycarpo de Medeiros, a sua maior atrapalhação consistiu em harmonizar a molestia de rins, de que padecia, e que o forçava de hora em hora á pratica de uma innocente necessidade natural, com o dezejo vivo, intenso, irresistivel, de comparecer áquella fina reunião de sociedade. Em lucta consigo mesmo, fez o que fazia toda a vez que se lhe apresentava uma duvida: correu a procurar o seu velho amigo Abreu da Cunha, jornalista mundano habituado a festas de cunho elegante, e expoz-lhe, francamente, o seu caso.

— Afinal: devo ir, ou não? — concluiu.

— Acho que deves ir, — informou o outro.

— E se me vier o dezejo... a vontade?

— Eu acho que tudo se pode remediar: basta que satisfaças essa necessidade logo que chegues; e não podes esperar para depois do jantar, afim de repetil-a?

— Posso, sim; mas como fazer a primeira, antes do jantar?

— Oh, filho, é simples. Antes de tomar logar á mesa, pergunta ao dono da casa onde tu podes ir.

— E se fôr a dona da casa?

— Pergunta onde é que se lava as mãos. Uma dona de casa comprehende logo essas cousas.

— Bem; então, muito obrigado, meu velho.

E despedindo-se do amigo:

— Então, até á noite, depois do banquete.

O palacete do commendador Octacilio ficava á rua Paysandú e era uma das melhores residencias do bairro. E, á noite, lá entrava, embainhado na sua casaca de aluguel, o joven artista brasileiro, que, chegou dez minutos, apenas, antes dos convidados tomarem assento á mesa.

Ao ser annuciado, porém, que o jantar se achava servido, succedeu-lhe uma d'essas cousas agradaveis, que o encheu de confiança e tranquillidade: estava elle a olhar uns «bibelots», quando a esposa do opulento capitalista se aproximou da sua humilde figura, convidando-o:

— Vamos para a mesa, sr. Caldas.

E gentil:

— E' verdade: o senhor não quer lavar as mãos?

A essas palavras Veridiano Caldas corou, descobrindo uma carinhosa subtilidade naquelle offercimento commum.

— Não, madame, muito obrigado; mas, eu já as lavei.

A senhora olhou-o, com estranheza, pois que elle ainda não havia passado da sala de espera.

— Lavei-as, sim, senhora; lavei-as antes de entrar, — tornou Caldas, atrapalhado.

E cada vez mais confuso, vermelho como uma crista de gallo:

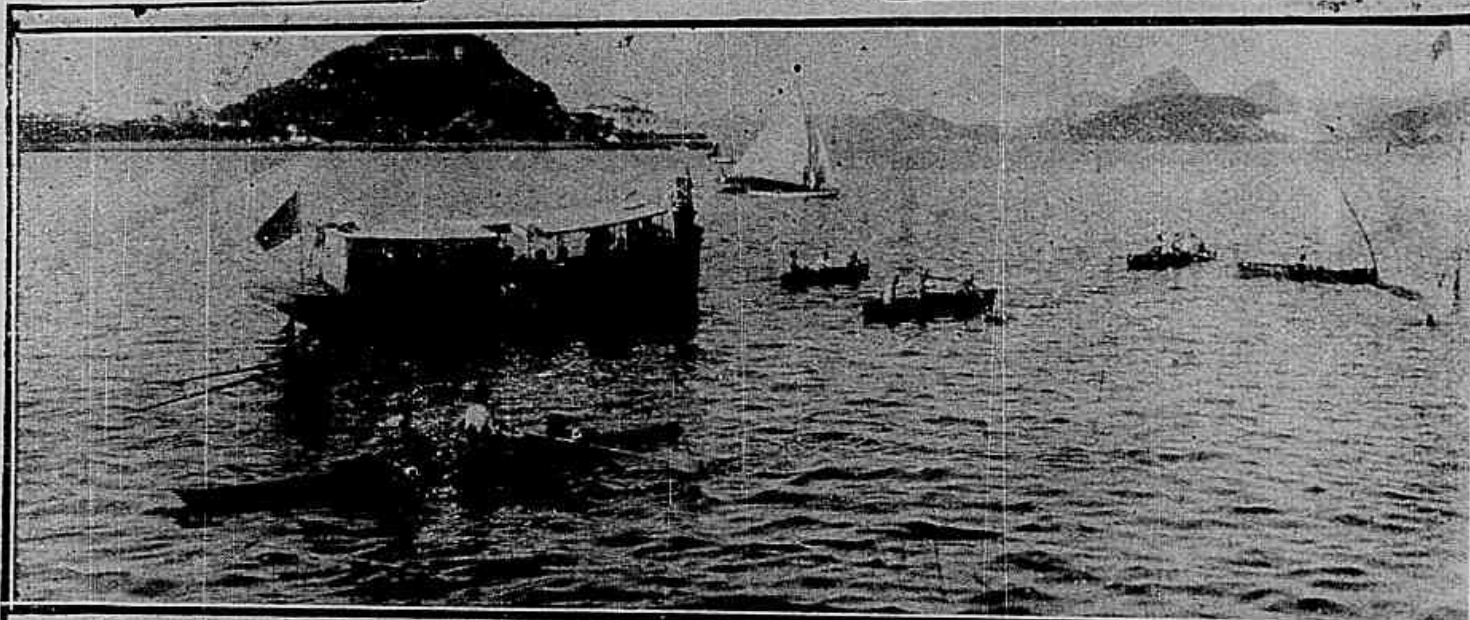
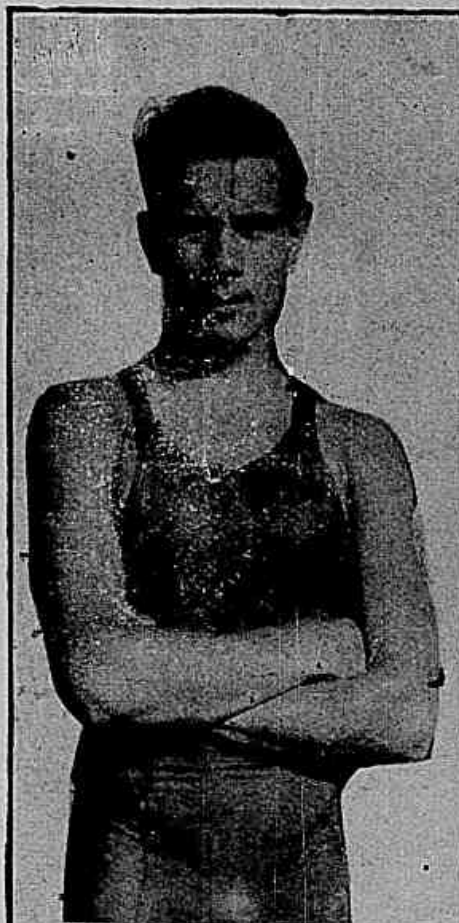
— Lavei-as lá fora, na rua, no pé da palmeira...

■ ■ ■ CONSELHEIRO X. X. ■ ■ ■

Chronica photographica da semana

ACONTECIMENTOS DA CIDADE

Ao alto, à esquerda, João Coelho Netto, (Preguinho) vencedor do Campeonato de Natação do Rio de Janeiro e à direita a sra. D. Gilda da Silva Mafra, vencedora do campeonato feminino, tendo a sua direita a senhorita Alayde Saliture, que conquistou o 2.º lugar nesse certamen. Ao centro, um aspecto da enseada de Botafogo, no dia da prova; em baixo os estudantes de Pernambuco em visita à Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.





ALCOVA DOS POETAS

BLUSA DE GAZE DE RAUL MACHADO

Via-a uma vez... mas uma vez somente.
Era num baile e a valsa terminara:
Os braços nus e a blusa transparente
Trahia uns seios de beleza rara!

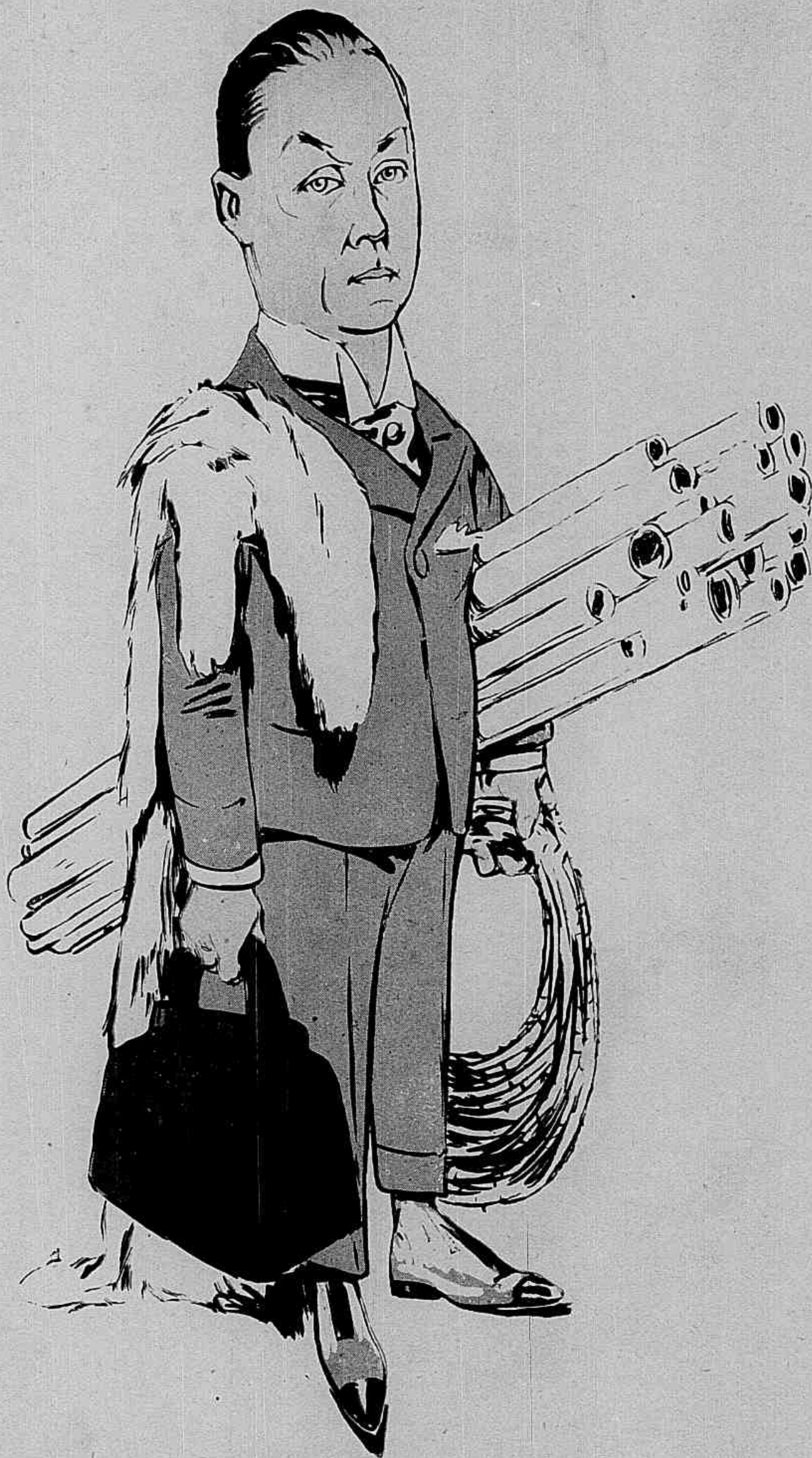
Desde esse dia, ininterruptamente,
Enche-me a vista aquella blusa clara
Arfando ao collo, ainda cansado e ardente
Da volupia da valsa que dançara!

Pôde fugir-me a ideia da alva e bella
Flôr, que a vestia!... Mas, aquelles braços,
E seios nus, e aquelle cóllo, e aquella

Diáphana blusa de tecido fino
Ficaram todos, por occultos laços,
Prêsos, perpetuamente, ao meu destino!

RAUL MACHADO

OS NOSSOS PRINCIPES



S. A. o Principe Arnaldo

ARISTOCRACIA MUNDANA

ARNALDO GUINLE

Ahi pelos ultimos annos da monarchia, em 1884 ou 1885, quem passasse pela rua da Quitanda, esquina da do Rosario ou da Alfandega, seria forçado a voltar os olhos para o interior de um estabelecimento commercial que ahi havia, e que fervilhava de gente. Era uma casa de retalhista, um armarinho em ponto grande, onde se encontrava de tudo, principalmente em materia de modas, cujos artigos eram importados directamente de Paris.

Do bom gosto dos commerciantes não se podia duvidar: eram os socios, um e outro, francezes, e essa circumstancia fazia com que convergisse para aquelle trecho da rua da Quitanda uma parte do rio humano que estuava ainda, e unicamente, na velha rua do Ouvidor.

Gaffrée & Guinle eram, assim, factores do bom gosto no Rio. Amigos desde a chegada ao Brasil, tinham trabalhado sempre juntos, auxiliando-se mutuamente. E era como irmãos, mais do que como socios, que viam a firma prosperar, ao mesmo tempo que as mãos iam e vinham sobre o balcão, medindo o covado de seda, ou a vara de cambraia, nas medidas classicas d'aquella epoca.

Um dia, Gaffrée entrou na loja, contentissimo. Trazia na mão um papel, que sacudia com enthusiasmo.

— Aqui está a base da nossa fortuna, meu velho! Arranjei com um amigo uma recommendação para o ministro, e consegui o que queria... Aqui está!

E mostrou a Guinle, que o olhava perplexo, o contracto para construcção de varios trechos da Estrada de Ferro Pedro II, a actual Central do Brasil, cujos trabalhos eram disputados furiosamente pelos empreiteiros.

— E o dinheiro? Em quanto importam as obras?

— Em uns oito ou dez mil contos.

Guinle quasi cae para traz, espantado com tanto dinheiro. Gaffrée com certeza estava maluco. Onde iriam arranjar tão alta quantia? O outro procurou tranquilizalo:

— E' o que ha de mais simples: vende-se uma parte da concessão, e, com o producto, faz-se a outra!

E batendo no hombro do socio:

— Estamos ricos, meu velho!

— Nós, não; você. A concessão é sua.

— Minha, não; é nossa. O que eu ganhar, dividirei com você.

Tres annos depois Gaffrée & Guinle não eram mais o armarinho de novidades. Ao balcão, succedia uma grade. A construcção da Estrada havia-lhes dado, em dois annos, mais do que a vara e o covado em dez ou doze. Ao primeiro contracto, succedera outro. E estavam já com as suas centenas de contos, quando firmaram contracto com o governo para construcção do porto de Santos. Com isso, chegava-lhes a fortuna. Estavam millionarios.

Gaffrée e Guinle eram, contudo, caracteres dissemelhantes. Se o primeiro era o francez authentico, methodico e celibatario, o outro tendia mais para o provincialismo, para a vida domestica, para a formação de um lar e de uma familia. E é d'essa tendencia que procedem os Guinle da geração actual, aos quaes o Brasil deve tantas surpresas elegantes e tantas iniciativas meritorias.

Arnaldo Guinle, terceiro ou quarto filho do socio commercial de Gaffrée, é um dos membros mais interessantes da familia. Nascido quando a fortuna começava a sorrir no sortido armarinho da rua da Quitanda, creou-se, já, no conforto e na opulencia. Ao tornar-se rapaz, o pae era, já, archi-millionario. Não obstante isso, preferiu, a vida em Paris, gastando, a de trabalho, aqui, collaborando na multiplicação do que possuíam os parentes.

Com o fallecimento do pae, os Guinle poderiam ter-se fraccionado. Gaffrée estava, porém, vigilante. E os irmãos continuaram, todos, sob as suas ordens, agindo em commum, e, o que era mais, fortalecendo o espirito pelo amor ao trabalho.

Bella figura de homem, administrando haveres seus que iam por uns sessenta ou setenta mil contos, Arnaldo Guinle foi, como facilmente se pode imaginar, um dos homens mais perseguidos das mulheres. Ha vinte annos, desde os seus dezoito, os maridos cynicos o rodeiam, os telephones tilintam, e chovem as cartas, dia e noite, ao seu escriptorio. A sua «garçonnière» da Avenida, por cima da casa Lafont, é um dos pontos mais elegantes da cidade. Nas reuniões «chics», as damas se perguntam:

— Já viste a «garçonnière» do Arnaldo?

— Já.

— Gostaste?

— E' um cacanto! Apenas, com um defeito: entontece a gente de tanto perfume!

E é, aliás, natural. Extravagante como todo homem rico, Arnaldo Guinle não consente, jamais, que as suas visitantes, as suas «amiguinhas» mundanas, saiam de lá sem um banho de Houbigant. E é elle proprio quem o dá, dos pés á cabeça, ora derramando-lhes dois ou tres vidros pelo pescoço, ora friccionando-as com uma esponja nova, macia como uma pluma. E como o perfume sempre arde, o dono da casa põe a victima sapateando, em pêlo, deante do ventilador.

Cuidados mais nobres, mais altos, preocupam, entretanto, este legitimo principe das finanças e da vida mundana. «Sportsman» desde menino, não se afastou, jamais, dos seus companheiros de cultura physica. Dos vinte aos trinta annos cultivou todos os «sports» em voga: «foot-ball», tennis, natação, regatas... Presidente do Fluminense Foot-Ball Club, tem feito do brilho, dos successos d'essa instituição, um caso de honra. Em 1921 estava Arnaldo Guinle em Paris quando ficou resolvido o Campeonato Sul-Americano de Foot-Ball, no Rio de Janeiro, para commemoração do Centenario.

— E' uma vergonha, — dizia-se, — nós não temos um campo em condições d'essa prova!

Arnaldo Guinle soube do caso, e deliberou:

— Eu vou construir o «stadium»!

E no dia seguinte estava em communicação telegraphica com o Fluminense, no Rio, adeantando-lhe mil contos de reis para o formidavel empreendimento.

Não obstante o interesse d'essas attitudes, e o zelo com que dirige, hoje a A. M. E. A., (Associação Metropolitana de Esportes Athleticos), e dirigiu, por varias vezes, a Confederação, os despeitados não o poupam, vendo, sempre, nos seus gestos, o proposito de conquistar mulheres bonitas.

— Aquella historia de renar barco é um pretexto, — dizem os «almofadinhas». — Aquillo é para metter as meninas na «yole» e ir para o largo, namorar á vontade!

— O Fluminense é sustentado para o namoro dos Guinle! — opinam outros.

E outros, ainda:

— Esse negocio de A. M. E. A. é uma «camouflage». O nome mesmo está dizendo: «Amor». E' puro negocio de amor!

E, assim, vive Sua Alteza, o principe Arnaldo. No meio em que se move ha mulheres cuja gloria está, inteira, em ter recebido um dos seus olhares amigos. E ha maridos que se sentiriam honrados, felizes, acima de todo o mundo, se pudessem mandar imprimir cartões assim:

Fulano de Tal dos Anzões

Marido da amante do illustre banqueiro Dr. Arnaldo Guinle

Brandt-Home

HUMORISTAS FRANCEZES

O FABRICANTE DE BELLEZA POR

ADRIEN VELVY (Trad. d'A MACA)

PHILOSOPHIA... DE ALGIBEIRA

Um medico expoz, ha poucos dias, perante a Sociedade de Medicina, um methodo de que era inventor, e que lhe permittirá embellezar todas as mulheres, supprimindo os papos que lhes crescem sob os olhos, fazendo-lhes desaparecer as rugas do nariz e dos cantos da bocca, reajustando as orelhas acabanadas, augmentando as pupilas pequenas, reformando, em summa, as physionomias imperfeitas. Não se trata senão de algumas operações sem dor, praticadas por dentro e sem deixar o menor traço visivel. Photographias convincentes, tiradas «antes» e «depois», foram distribuidas pelos membros da douta assembléa. As demonstrações eram todas de mulheres horriveis, tornadas lindissimas. E a impressão foi profunda.

Ella foi, mesmo, tão viva em um dos societarios, mimoseado pelo destino com uma esposa deservida pela natureza, que lhe veio a idéa, em caminho, de praticar a sua primeira infidelidade. Satisfeito com o seu peccado, entrou elle em casa, disposto a apresentar-se de boa cara á esposa horrenda quando esta, por seu turno, tivesse chegado. E estava installado, já, no seu gabinete, quando a porta se abriu, e os seus olhos viram apparecer a encantadora creatura com quem acabava de realizar, sem remorso, o mais doce dos crimes humanos. Esse espectaculo, tão inesperado, causou-lhe tanta perturbação quanto apprehensão. O sabio levantou-se, pallido.

— Que é isso, senhora? — gritou. — A senhora tem a coragem de vir até á minha casa? Eu sou um homem casado, e a sua presença aqui, poderia ser motivo das mais graves complicações!... Retire-se, senhora!... retire-se!...

A encantadora creatura desatou a rir:

— Bravos!... Muito bem!... Tu não me reconheces agora como ainda ha pouco não me conheceste!... Não vês que o medico embellezou a tua mulhersinha?

O sabio desaba na cadeira.

— Ah! és tu? — balbucia. — Então, tu sabes que eu te trahi?...

— Sim; mas commigo mesma... E eu não te censuro, não; não te recrimino. Pelo contrario: até te agradeço... Imagina tu que eu estava sendo seguida por um rapaz... Era a primeira vez que isso me acontecia... Eu me sentia feliz, orgulhosa, envaidecida, e a tal ponto que não sei o que teria succedido... Felizmente, tu appareceste... E tudo se arranjou...

E saltando-lhe ao pescoço, entre dois beijos:

— Mas os cem francos que tu me déste não entram na despesa... Entram?

— Um chapéo, 1.200\$000! E' lá possivel uma mulher chic ter, hoje, um marido só?...

ADRIEN VELVY

A PERSPICACIA FEMININA DE JOHN WILSON

Um escriptor portuguez, Fialho de Almeida, escrevendo, uma vez, sobre metempsychose, contava acreditar na transmigração das almas por haver presentido a de uma senhora da sua estima a fital-o, amorosa, de dentro de um repólho. Eu não vou tão longe, mas admitto, francamente que os espiritos passem, através dos tempos, de um corpo para outro, e que o de Tabarin, desencarnado ha tantos seculos, se tenha mettido, um destes dias, por um instante, na carcassa do commendador Affonso da Cunha Guimarães. O caso de que eu fui testemunha, se não estabelece uma verdade irrefutavel, pode servir, pelo menos, para alicerce de uma suspeita.

Em torno á mesa de jantar, de que o creado americano retirava os ultimos talheres e enfeites, conversava-se sobre feminismo, e principalmente, sobre a capacidade da mulher para dirigir agrupamentos politicos. As opiniões, nesse terreno, eram as mais contradictoria e divergentes.

— A mulher não é, em nada, inferior ao homem! — affirmava, riscando um phosphoro no punho da camisa gommada, o barão de Paredes Altas. — Ella pode governar-se, e governar os outros, como o fazem os homens, e com a mesma competencia.

— Isso é falso! Isso é falso! — protestou o coronel Sebastião Monteiro. — A mulher não pode ter, nem na politica, nem no commercio, as aptidões do homem! E' impossivel!

E batendo na calva, significativamente, referindo-se á falta de tino, de capacidade, de miólos:

— Falta-lhe isto; sabem? Falta-lhe isto!

Foi por essa altura que o commendador Guimarães, até então em silencio, interveio, com autoridade:

— Na minha opinião, a mulher é mais intelligente do que o homem. A sua perspicacia é maior, mais prompta, mais viva.

As pessoas partidarias do coronel e do titular voltaram-se para o velho commerciante, reclamando provas:

— Prove! — pediam. — Prove! Prove!

O commendador estirou displicentemente as pernas muito gordas e muito curtas para debaixo da mesa, alçou o ventre rotundo, e sentenciou:

— E' o que ha de mais simples. Querem ver?

E endireitando-se na cadeira:

— Digam-me uma cousa: quando, em um casal, a mulher engana o marido, quem é que sabe primeiro?

— A mulher! — informa o barão, convicto.

— A mulher, naturalmente! — confirmou o coronel Monteiro, franzindo a testa.

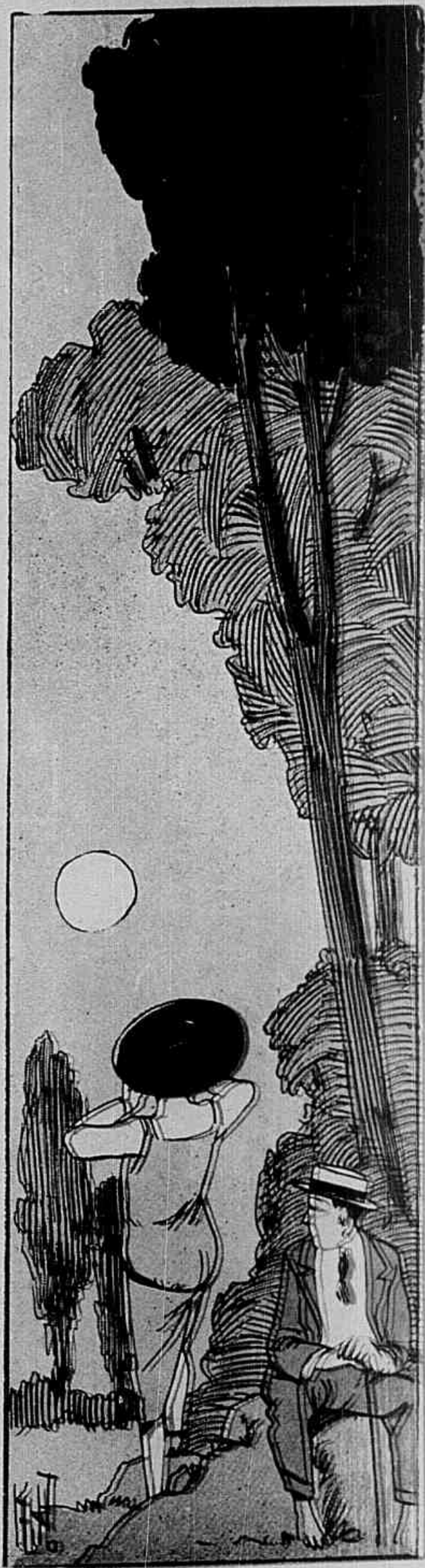
E o commendador, satisfeito:

— Ahi está.

E erguendo-se:

— Lóóógo, a mulher é mais viva, mais intelligente, mais perspicaz do que o homem!

A assistencia, vencida, baixou a cabeça.



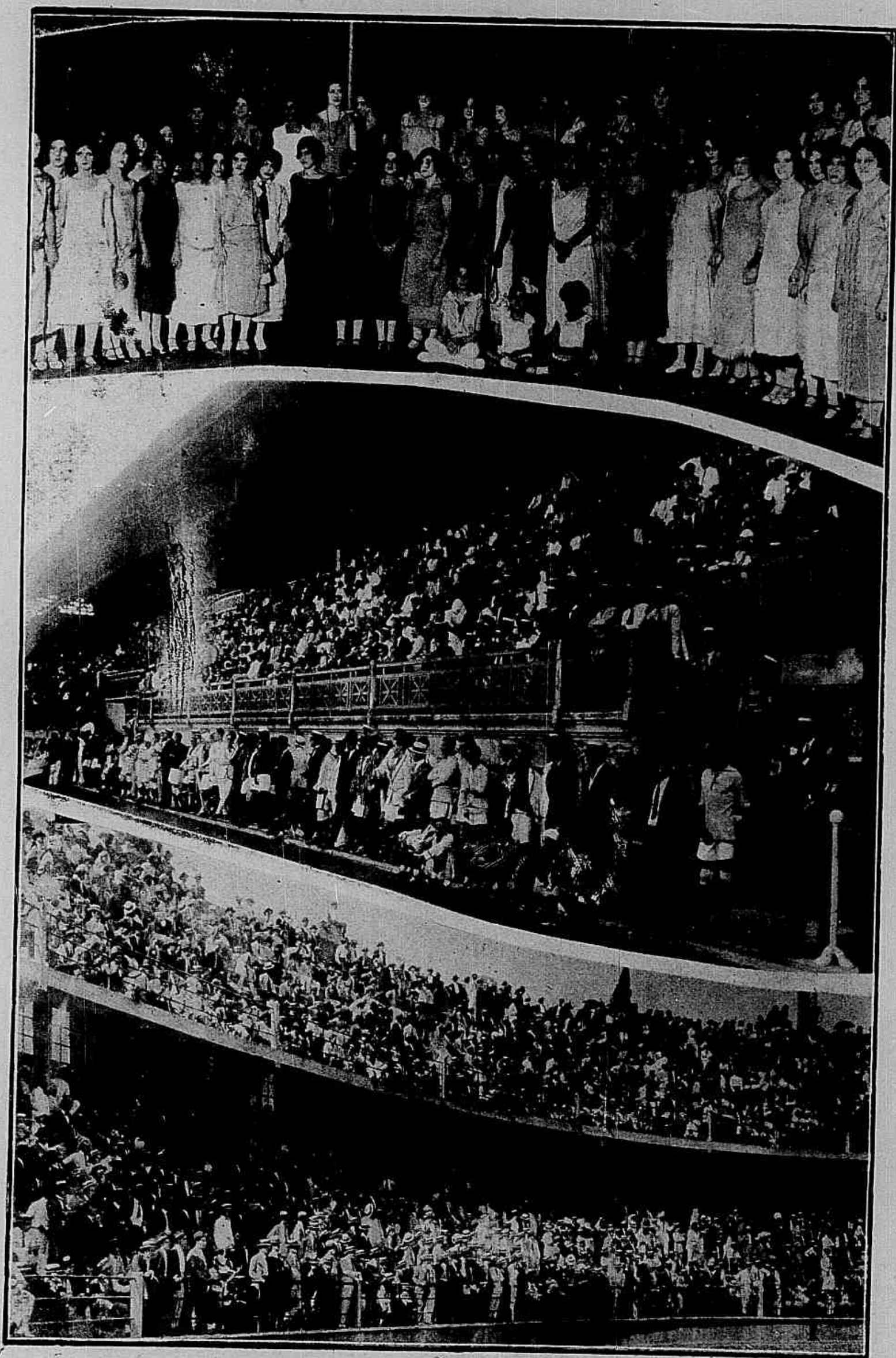
— Estás vendo a lua?

— Estou. E' cheia ou «quarto» crescente?

JOHN WILSON

Chronica photographica da cidade

ACONTECIMENTOS DA SEMANA



Ao alto: baile das telephonistas no 'Club da Ligth'; No centro e em baixo, aspectos do Stadium do Fluminense no domingo ultimo, por occasião do torneio initium da A. M. E. A.

O PRETEXTO, POR VICTORINO ROCHA

— Anda, Judith; nós perdemos o bonde!
 — Já vou. Espera um instantinho.
 Era assim que, do pátio do jardim, vestida para descer à cidade, Mlle. Zeneide chamava a prima, sua companheira de passeio, que se conservava no interior da casa. E foi assim, também, que, com a sua voz musical e deliciosa, Mlle. Judith respondeu, do seu quarto de vestir.

— Anda, Judith! — tornou a primeira.
 — Já vou, menina! — insistiu a outra.

Aborrecida com aquella demora, Mlle. Zeneide batia o pézinho impaciente. Quando sahira do quarto, a prima já estava vestida, e, mesmo, de chapéu. Teria ella, porventura, achado o vestido comprido, depois de prompta? Ou estaria relocando os labios, as faces e as sobrancelhas, naquelles exaggeros de pintura que tanto davam que fallar à familia?

Zangadinha, nervosa, Mlle. Zeneide resolveu reentrar em casa, para ver de que se tratava. E foi com o seu passinho meudo, agitado, de passaro temeroso ou perseguido, que se dirigiu para a escada, de onde chamou novamente:

— Judith?

— Já vou, creatura! — respondeu a outra, impaciente, por sua vez, com a pressa intolerante da prima. — E' um minutinho só!

— Que é que estás fazendo ainda? Estás mudando de vestido?
 — Não.
 — E' o chapéu?
 — Também não.

Como não atinasse com o mysterio daquela demora, Mlle. Zeneide subiu a escada, e penetrou no quarto de vestir, onde deparou um quadro que, á primeira vista, a obrigou a abrir a bocca, espantada: sentada no canapé, vestida para o passeio, Mlle. Judith amimava

no regaço, cuidadosamente, a "Rosett", a mimosa cadellinha da casa, ensiando-lhe os dedos róseos no pélo claro e macio, como quem procura, afflicta, alguma coisa. Ao fim de um minuto, retirou os dedos do dorso do animalzinho, e, levando a mão ao ponto terminal da meia, conviou, satisfeita:

— Agora, vamos?

— Mas, que é isso? — objectou a prima, intrigada.

— Pulgas... Não viste?

— Pulgas? Para que?

— Para que? Ora, está! Para levar para o cinema.

— Para o cinema?

— Sim, filha. Para procural-as quando chegar lá.

E relocando o chapéu, diante do "psyche".

— Se não fôr assim, como é que eu poderei encontrar pretexto para mostrar a perna,

na sala de espera?

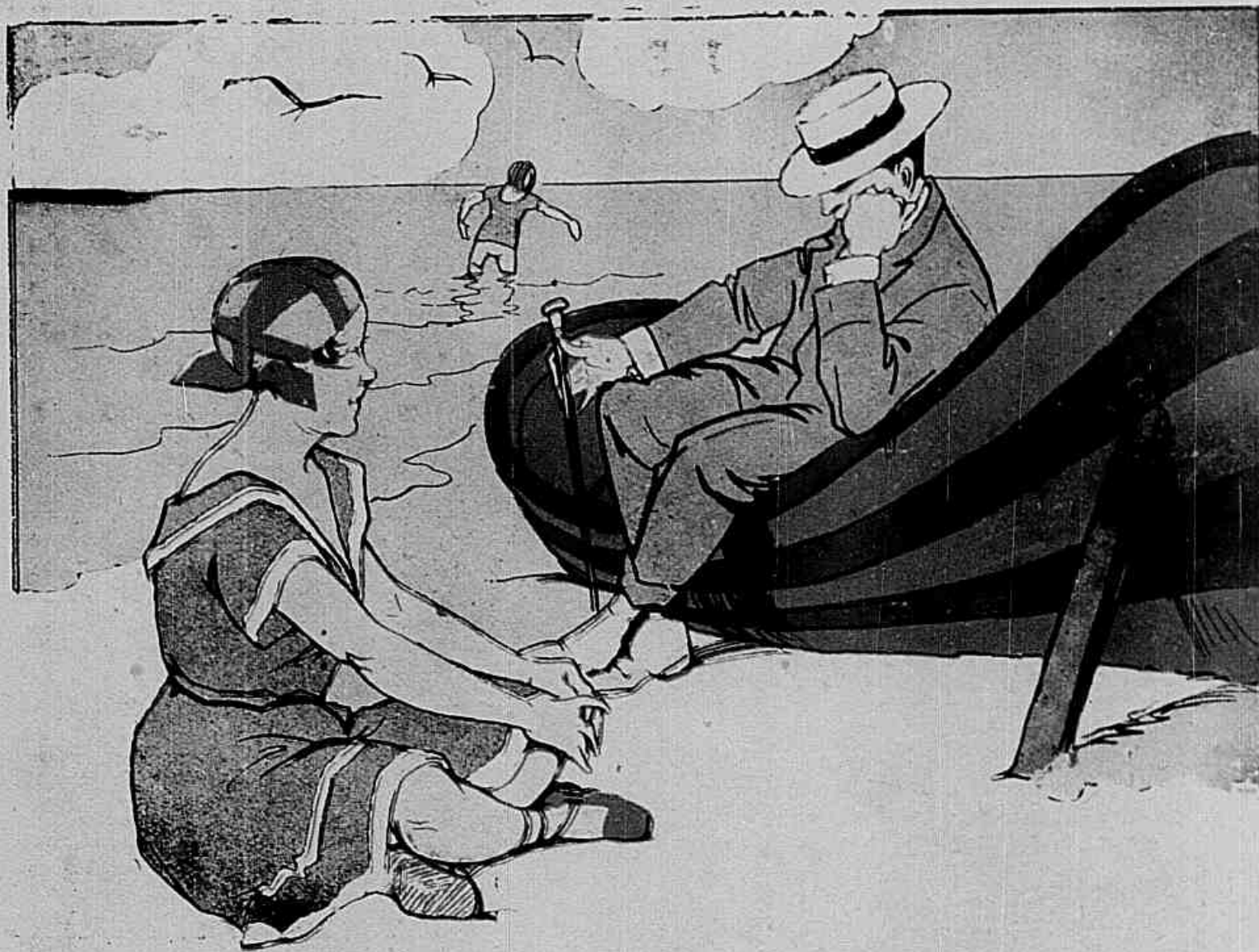
E virando-se, risonha:

— Vamos?



VICTORINO ROCHA

CONTINGENCIAS



— Você nada de barriga para cima ou para baixo?
 — Conforme a maré...



Humoristas portugueses

UMA NOITE DE BENEFICIO, DE

CAMPOS MONTEIRO

(Comedia em sete scenas)

Scena I

N'um theatro do Porto. Representa-se uma revista de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa. No intervalo do 2.º para o 3.º acto o actor Raul Sampaio, que faz o «compère» da peça e o seu beneficio, encontra-se no seu camarim rodeado de amigos e de prendas. Retinem as campainhas nos corredores. Os amigos, com mais um abraço de parabens, retiram-se. Raul Sampaio fica só. Ergue-se o reposteiro e entra a corista Gabriela, guapa mocetona de 22 annos.

GABRIELLA — Está só?

RAUL — Felizmente.

GABRIELLA — Esperei que todos se retirassem para lhe vir trazer a minha prenda.

RAUL — Muito obrigado. Mas... em que consiste esse presente?

GABRIELLA (offerecendo-lhe a face) — N'um beijo.

RAUL (beijando-a) — Enfim! Mas és cruel. Ha quatro mezes, desde o principio da época, que te faço a corte. E foi necessario que realizasses a minha festa para conseguir beijar-te.

GABRIELLA (de olhos no chão, imitando Ilda Stichini nas ingenuas) — Bem sabe que gosto muito de si. Mas o Fulgencio não me larga um instante...

RAUL (deitando lume pelos olhos) — O Fulgencio! Esse negregado argentario a quem falta o que me sobra: talento, e sobra o que me falta: dinheiro!

GABRIELLA (como acima) — Por isso me vejo forçada a atural-o. A vida está tão cara! Mas na minha alma de artista ha sempre um cantinho reservado para o talento. Nem só de pão vive uma corista...

RAUL (com um clarão de esperança) — Quer isso dizer?...

GABRIELLA — Que Fulgencio está para Lisboa e que espero o sr. Raul, no fim do espectáculo, em minha casa.

Scena II

N'um camarote de 1.ª ordem em que D. Florinda Sampaio, esposa do beneficiado, assiste ao espectáculo.

UM EMPREGADO DO THEATRO (batendo á porta) — Vossa excellência dá licença?

D. FLORINDA — Entre quem é.

O EMPREGADO — Uma carta do sr. Sampaio. (Retira-se).

D. FLORINDA (abrindo a carta e lendo) — Minha querida. Os meus amigos, que são muitos,

como sabes, resolveram offerecer-me uma ceia esta noite. Não posso recusar, com bem pena minha, visto que me seria muito mais agradável ceiar contigo em doce «tête-à-tête». Tem paciencia e desculpa-me. No fim do espectáculo estará á porta do theatro um carro para te levar á casa. E eu procurarei livrar-me o mais cedo possivel da massada para te ir beijar carinhosamente antes de adormeceres. — RAUL. — P. S. — Deixa a porta encostada.

Scena III

Duas horas da manhã. Em casa de Gabriella, toda mergulhada em trevas, salvo no quarto d'esta, onde tremula a luz d'uma lamparina. Ouve-se parar um carro á porta, e logo a seguir duas argoladas no batente.

GABRIELLA — A estas horas! Quem será?

RAUL — Provavelmente alguém que se enganou na porta. (Sentem-se os passos da criada descendo as escadas, o correr do ferrolho, e uma voz perguntando:)

A VOZ — A senhora já está deitada?

GABRIELLA — Estamos perdidos! E' o Fulgencio!

RAUL (correndo para o meio do aposento) — Valha-me Deus! De mais a mais sendo elle o primeiro accionista da Empresa! Que havemos de fazer?

FULGENCIO (fóra, batendo á porta do quarto) — Gabriella!

GABRIELLA (em voz baixa, a Raul) — Foge! Passa á sala de visitas e, mal o Fulgencio entre, desce pela escada da cozinha, e põe-te na pirezal! (Empurra-o para a sala).

RAUL — Mas dá-me ao menos a minha roupa e o sobretudo!

GABRIELLA — Já não ha tempo. Adeus! (Fecha a porta que dá para a sala, atira para uma alcova a roupa de Raul, e vae abrir a porta que dá para o corredor. Fingindo grande surpresa:)

FULGENCIO (entrando) — Não me esperavas?

GABRIELLA (de olhos semi-cerrados, imitando Auzenda de Oliveira na «Susi») — Francamente, não. Como me tinha dito só vinha no sabbado...

FULGENCIO — Resolvi os meus negocios mais cedo. Acabo de chegar no rapido, e venho passar a noite contigo.

GABRIELLA (abrindo os braços e imitando

UMA NOITE DE BENEFICIO, DE CAMPOS MONTEIRO

a Cremilda na «Flor da Rua» — Que agradável surpresa!

A CRIADA (no sótão, bocejando e tornando a deitar-se) — Guardado está o bocado...

Scena IV

Em plena rua do Bom Jardim. A noite é mais negra que a alma de um autor pateado e mais fria que uma plateia de «prémière». Raul Sampaio desce a calçada quando, de uma esquina, desemboca um policia.

O POLICIA — Olá, amigo! Onde é que vae?

RAUL — Boa noite, camarada. Vou para casa.

O POLICIA — Em trajés menores?

RAUL — E' verdade!... Como a noite estava serena e quente, sahi assim, para refrescar.

O POLICIA — Essa é boa! Eu trago duas camisolas, o capote da ordenança, tres copos de aguardente no bucho, e estou aqui a tiritar!...

RAUL (com um sorriso amarello) — Dá Deus o frio conforme a roupa...

O POLICIA (olhando-lhe para os pés) — E de mais a mais descalço!

RAUL (com outro sorriso ainda mais amarello) — Que quer, camarada? O calçado está tão caro!

O POLICIA — Nada! Isto cheira-me a endrômina! Quando Deus quer, o senhor vem de alguma conspiração... (Um homem embuçado, que vinha subindo a rua, pára a alguns passos).

RAUL (um pouco perturbado) — Nada d'isso, camarada. Não vá tomar-me pelo que não sou. Eu conto o que vem de passar-se. Descia a Praça Marquez de Pombal quando me sahiram tres individuos armados de pistola, e me intimaram a que puzesse para ali tudo o que levava. Entreguei a carteira, mas os malvados não se contentaram com isso. Obrigaram-me a despir e descalçar, e desataram a fugir com tudo.

O POLICIA — Está bem. Agora já a coisa se torna mais clara. Pode seguir. Anda desaforada, a gatonagem!

RAUL — Isso anda, (Cortejando). E temos uma policia de se lhe tirar o chapéu. (Continua o seu caminho, batendo o queixo).

O EMBUCADO (falando consigo mesmo) — E' o actor Sampaio, não ha duvida! Estava capaz de tornar á redacção. Uma noticia d'estas não se pode perder!

Scena V

Em casa de Raul Sampaio. Sala de espera. D. Florinda, sentada n'uma «chaise-longue», cabeceia com somno. Abre-se a porta e entra o actor.

RAUL — Ainda a pé?

D. FLORINDA — Esperava-te. (Com um grito) Mas que é isto? Vens nu?

RAUL — Nu', não. Em camisa.

D. FLORINDA — Mas, pelas almas, que se passou?

RAUL (caindo no sofá) — Uma tragédia, minha filha! Ali, ao voltar da esquina, tres bandidos armados de pistola... Deixaram-me n'este estado.

D. FLORINDA (de mãos na cabeça) — Mas onde estamos nós!...

RAUL — Na Falperra, minha filha. Rouba-se descaradamente. Lê as sessões da Camara dos Deputados, e verás o que vai por ali.

D. FLORINDA (apietada, approximando-se) — Meu pobre Raul! Que susto devias ter apanhado! (Vae para o beijar). Este cheiro!... (Farejando): A que é que cheiras tu?

RAUL (rapido) — Foram os gatunos que me passaram pelo nariz um lenço com um narcótico...

D. FLORINDA — Este cheiro é de mulher! Tu cheiras a peccado! (Com um sorriso escarninho): Aqui ha historia, oh! se há! Não foram maus gatunos os que te ficaram com a roupa! (Segue-se a costumada scena de cheliques e recriações).

Scena VI

11 da manhã. No quarto de Raul Sampaio.

A CRIADA (entrando com uma porção de jornaes) — Aqui estão os jornaes que o senhor me mandou comprar. Todos elles falam no beneficio de hontem. A «Folha da Manhã» fala até em dois sitios.

D. FLORINDA (desdobrando o jornal) — Em dois? E' verdade, cá está nas noticias: «Actor Raul Sampaio». (Lendo) «A noite passada, o nosso prezado amigo e distincto artista Raul Sampaio foi victima de um audacioso assalto por parte de uns meliantes que o deixaram em trajés menores...» (Deixando cair o jornal) Raul! Tinhas falado verdade! Perdôa-me!

RAUL (áparte) — Por esta não esperava eu! Devo muitos favores á Imprensa, mas nenhum como este!

Scena VII

Na redacção da «Folha da Manhã», ás 4 da tarde. Entra um galego com uma cesta.

O GALEGO — Boa tarde. Fazem o favor de tomar conta d'isto?...

UM REDACTOR (examinando o conteúdo) — Uma brôa de pão-de-ló, doces, champagne... Isto não é para aqui.

O GALEGO — E', sim senhor.

OUTRO REDACTOR — Mas quem mandou este presente?

O GALEGO — Tanto não sei eu dizer, Mas tem ahi uma carta.

UM REDACTOR (rasgando o envelope e lendo) — «A' redacção da «Folha da Manhã», um anonymo reconhecido...»

CAMPOS MONTEIRO

MARIDO É... MARIDO POR JOÃO FORTUNATO

Um observador definiu uma vez, não sei onde, nem como, que a família é um conjunto de pessoas que brigam entre si, e que se reúnem, indignadas, quando qualquer dellas é atacada por membros de outra família. Por outras palavras: a família é um paiz em guerra civil, que só suspende as hostilidades quando ameaçada por um inimigo commum.

Por muito tempo eu zombei dessa definição, até que um facto veio esclarecer o meu entendimento, mostrando que o psychologo tinharazão. Foi um destes dias, a proposito de um crime que horrozou a cidade.

Senhora de quarenta e cinco annos, com uns lindos olhos de lagosta e um elegantissimo cõllo de jabota, D. Clara apaixonou-se de repente, por um engenheiro do seu conhecimento, rapaz de frinla e poucos annos, atraz do qual as mulheres andavam afflictas, de pestana espichada, como cachorro no rastro de quem leva fiambre no bolso. Sem recursos de mocidade ou de formosura para monopolizar o engenheiro, resolveu a dama appellar para a violencia, collocando-o entre as pontas deste dilemma: o amor ou a vida.

Certo dia estava o rapaz no seu escriptorio quando D. Clara entrou. O misero empallideceu, amedrontado. E foi, todo elle, tremura, susto, pavor, quando a visitante inesperada exigiu, arreganhando a dentadura postica:

— Beija-me, ou eu te mato: anda!

Forçado a optar, o engenheiro ficou impassivel. E foi nesse momento que D. Clara, indignada, arrancou o grampo que lhe prendia o chapéo e atravessando a birriga do rapaz, espetou-o na parede, como quem espeta horbolela em caixa de papelão.

Este caso foi observado por dezenas de pessoas, atraindas pelo escandalo.

O chapéo encontrado no local foi reconhecido como de D. Clara. O grampo, o sapato, a bolsa, o lenço, tudo foi identificado, provando-se que tudo lhe pertencia. A propria criminosa confessou ás autoridades o seu acto de desespero, declarando que o engenheiro era seu amante. E, foi no meio de tudo isso que appareceu em scena, protestando contra aquillo, o marido da acusada:

— E' mentira! E' infamia! E' calumnia! Minha mulher é uma senhora honesta! Minha mulher é virtuosa! Minha mulher tem um comportamento irreprehensivel.

Espantado com aquelle devotamento, fui procurar o Sr. Antonio Principe, o homem extraordinario:

— O senhor está certo, mesmo, de que sua esposa se acha innocente?

O homem olhou-me de alto a baixo:

— E que não estivesse! sou marido, cumpro o meu dever.

E com as mãos na cintura, encarando-me:

— Diga-me uma coisa: se eu não defender minha mulher, quem é que a defende?

E continuou a passear de um lado para outro, com a consciencia tranquilla!



JOÃO FORTUNATO

DE MAL A PEOR



— Previno-lhe que não quero mais que você tome chá com o Gastão.

— E leite, posso?

ACONTECIMENTOS DA SEMANA



Ao alto, estudantes das escolas superiores em frente á Escola Polytechnica, em «meeting» de protesto contra a nova lei do ensino: ao centro, baile no Club Internacional de Cyclistas, offerecido aos socios que fizeram o raid Nictheroy-Victoria: em baixo, festa infantil no theatro João Caetan», de Nictheroy, em beneficio das victimas da Ilha do Cajú.



PAGINA CAÍPIRA

MORREU NO PENURTIMO... DE CORNELIO PIRES

— Miorô?

— A mó que não...

— O póvre de Nho Fidencio; tá c'oa pellea in riba dos ósso. A perna delle tá finiinho!

E a comadre Marciana, pisando de leve, deixou pensativa, no terreiro do casebre, a vizinha Chicuta, entrando para a cozinha onde ajudava a Nha Durcia, mulher do doente.

Fazia mais de mez que Fidencio começara a sentir umas dôres nas cadeiras e na bocca do estomago, vivendo num atordoamento. Tudo experimentara: chás de losna, de herva cidreira, de rosa, de sabugueiro, de hortelan; fomentação de kerozene ou de pinga com «canfrô»... Tres curandeiros lidaram á tóa e não deram volta na maligna. Fidencio, no fundo de um alto catre velho, tecido de couro crú, definhava com os olhos amortecidos nas orbitas exageradamente abertas.

O quarto escuro, de telha-van, como toda a casa, já dava uma impressão de luto. Uma canastra velha roída pelos ratos, caixas de madeira, um bahu amolgado, éstacas de guarantan sustendo uma viola, uma espingarda de «pica-pau» e a patrona de couro de jaguatirica, um pala, um corote, e roupas velhas. A um canto, no alto, o oratorio aberto entre duas velas de chammas vermelhas, ora fixas a prumo, como um ponto de admiração voltado para cima, ora oscillantes, fazendo macabramente dansar as sombras no chão esburacado e nas paredes negras, onde se destacavam, em tufos, trapos tapando os furos feitos pelas chuvas.

Pobre Nha Durcia! Quantas vezes, sem que o marido percebesse, mandava as crianças brincar no pasto e se prostava pranteando ante o sagrado nicho fazendo promessas.

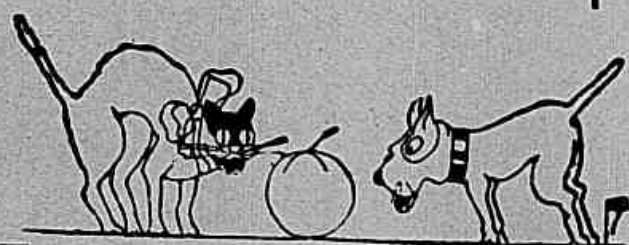
— «Ai! meu Deus! Jezuis, Maria, José... Fazei Fidencio sará... Elle levará c'as proprias mão ua vela a pér p'ra Sinhô Bão Jezuis do Pirapora»...

Os curandeiros desanimaram; um medico ouviu de um portador os symptomas, receitou qualquer droga (o doente era pobre...) e... ninguem mais falava alto no sitio; as crianças passaram a dormir na casa da Chicuta e os vizinhos, no terreiro, alli estavam, aos cochichos, esperando ordens. Os proprios cães não ladravam. Andavam mexendo pela casa, deitavam-se aqui e alli enrodilhados, de olhos abertos; o veadeiro mais velho, de vez em quando, chegava á porta do quarto, cheirava o ar, olhava triste para a cama e sahia cabisbaixo como se comprehendesse o que se passava.

De nada valeram curandeiros e promessas... E ás tres horas de uma tarde brusca, Fidencio expirou com a cabeça no regaço de Nha Durcia.

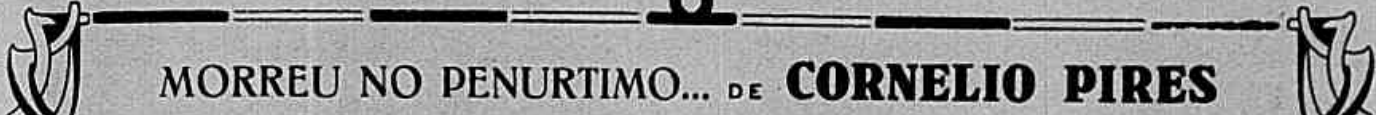
Célere a noticia correu pela bocca do Rufino, no galopar do animal de estimação do defunto.

Adeus paz do casebre feliz! Gritos de desespero; chôros altos de dôr e de revolta contra a fatalidade... A familia destampou num pranto sem fim... Blasphemias seguidas de humilhados pedidos de perdão... E a viuva, agar-





MORREU NO PENURTIMO... DE CORNELIO PIRES




rada ao corpo do marido, «chocoalhava-o» como querendo despertar-lhe a vida.

Lavagem do defunto... O melhor sapatão... a melhor roupa, a dominigueira e defunteira de «brim-miricano-escuro»... E na salinha, estendido na esteira, mãos ao peito, olhos semi-cerrados, bocca meio aberta, velas ao redor, o Fidencio ia sendo aos poucos cercado pelas **mulheres** de chale na cabeça, per-signando-se, e de homens cabisbaixos que o olhavam com as faces humidas de lagrimas, enquanto fóra outros caipiras faziam referencias ao morto, recordando-lhe a vida entre elogios ou narrando innocentes pilherias de que tanto elle gostava. A criançada vizinha era arredada para o piquete para que seus olhos não poisassem no defunto.

Soturno, lento, morno, descia o crepusculo. No ar parado, um ultimo gavião, num vôo vagaroso e equilibrado, descia para a grota fronteira.

Uma cruz sobre o peito do morto, o oratorio da sala, a tia Fabiana puxou a reza monotona e dorida, acompanhada das mulheres que, de chale nas cabeças, cantavam no tom mais doloroso das vozes entrecortadas. No quarto, Nha Durcia era soccorrida por amigas, com tigelas de chá. No «poiá» fervia a chaleira de «quentão».

E toda a noite écoou pelas baixadas o cantochão da caipirada em luto na guarda do defunto.

— Póvre do Fidencio... Era cumpanhêro p'ra tudo...

— Topava sempre! Fosse um mu-chirão, um fandango, úa caçada...

— Ai! ai! suspirava a sogra, póvre delle! Gostava tanto de feijão-virado com torrermô...

Agora a rêde enseiada com o corpo, uma vara comprida, e, aos lancinantes gritos da viuva, sahiu o enterro para a villa...

Encostada ao moirão da porteira escancarada, entre soluços, sentindo-se estrangular por um nó na garganta, Nha Durcia, os olhos rasos d'agua, viu sumir-se na curva do caminho a comitiva e a rêde balouçante em que ia o morto querido.

Agora, no quarto, as amigas a consolavam:

— O mundo é ansim mermo...

— Foi Deus que levô...

— Elle era tão bão que nem a terra num merecia...

— O póvre de meu marido! O que será de mim! Que será das crianças...

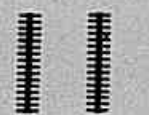
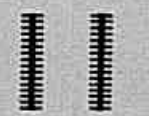
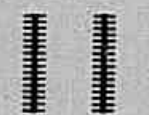
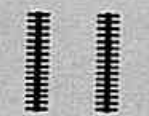
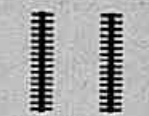
— Elle tá nas mão de Deus e as criança nas de Jezuis...

.....

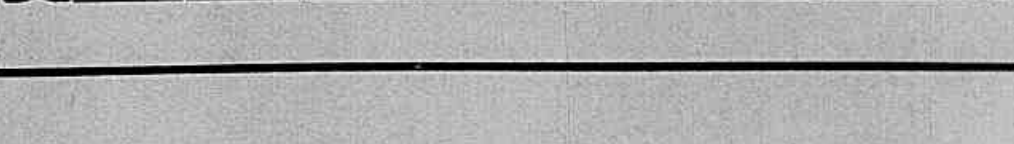
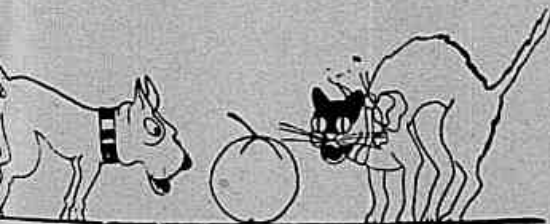
— O póvre! O póvre de meu marido!... Eu inda uvi o urtimo suspiro, o derradêro suspiro delle...

E a viuva Saraphina, consolando-a:

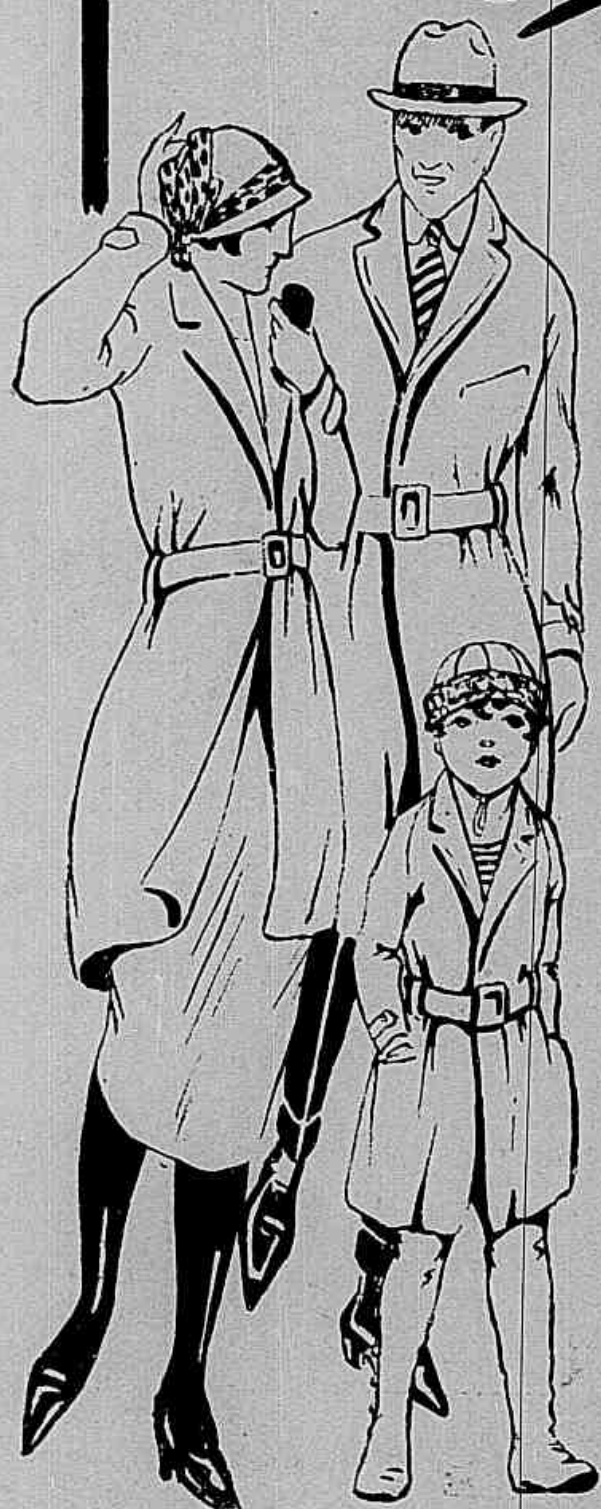
— Eu tamêrn tô viuva... Mecê ainda foi mais filiz do que eu... Mecê uviu o urtimo suspiro de seu marido... E eu nem uvi do meu... Coitado! Morreu no penurtimo...




CORNELIO PIRES

Rio *Capital* S. PAULO

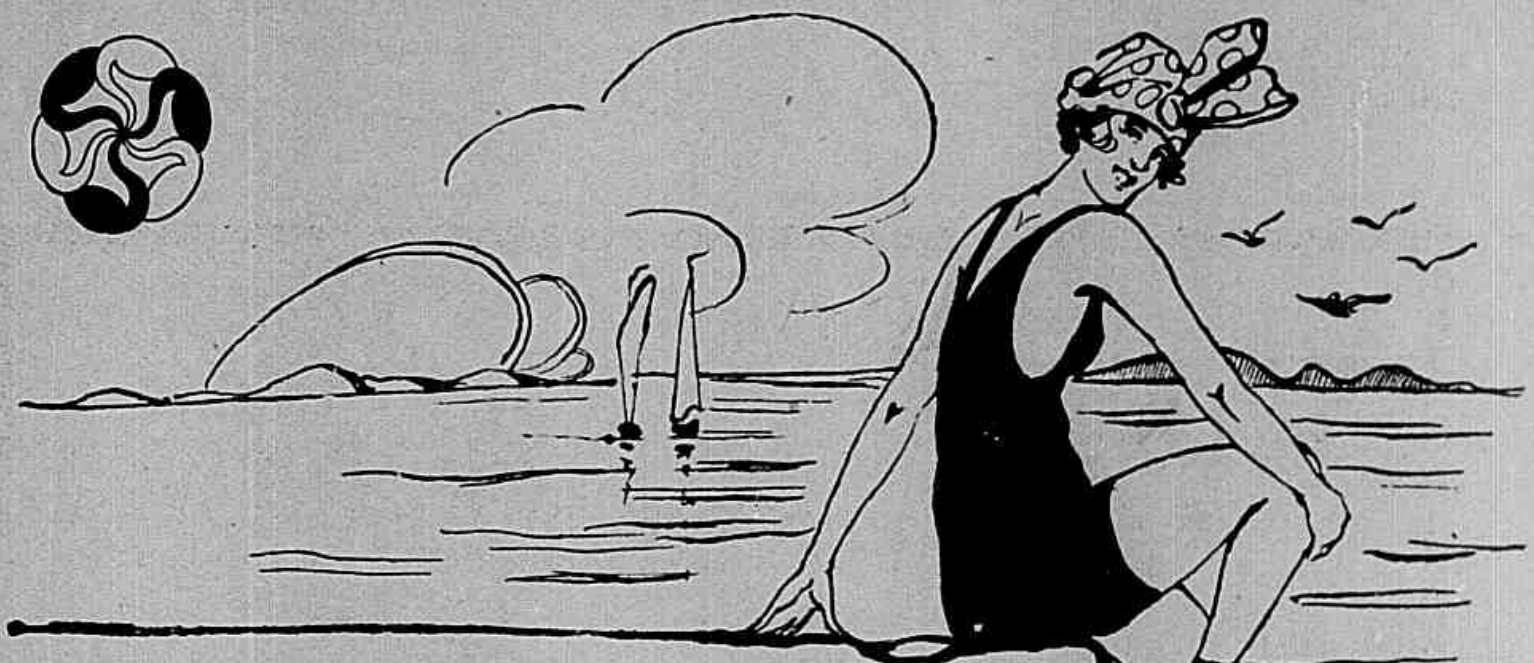


E' a casa que tem o maior e
melhor sortimento de CAPAS
impermeaveis para homens,
senhoras e creanças.

Para homens tem enorme
variedade a partir de

155\$

VEJAM AS GRANDES
EXPOSIÇÕES



A DIFFERENÇA POR GIOVANNI MORELLI

Não obstante o montepio que o esposo, falecido seis meses após o casamento, lhe deixara, a Linda viuvinha Odilia Velloso resolvera arranjar uma profissão, que fosse, ao mesmo tempo, conforto e distração. Por necessidade, toda gente sabia que não era. Morava em companhia do pae e das irmãs, contribuindo para as despesas com a decima parte, apenas, do que recebia do Thesouro. Foi, pois, por méro desfazio que se matriculou na Escola Normal, apresentando, para isso, os necessarios documentos.

A sua condição de senhora causava admiração a toda a gente. Pequena, gorduchinha, cabellos muito negros, olhos muito vivos, braços muito roliços, a impressão que dava era a de uma dessas mocinhas traquinas, que ainda não pensam em noivo. E era preciso que ella exhibisse as suas duas «allianças» para que se acreditasse que ali estava uma criatura definida, que o pae casára antes de tempo e que o Destino, também antes de tempo, descasára.

O primeiro anno do curso foi feito com uma felicidade surpreendente. Viva e desembaraçada, a viuvinha não se atrapalhava nas lições. E tão expedita era ao attender aos questionarios que os professores se entreolhavam, interrogando-se sobre as notas que a discipula merecia.

— E' a minha primeira alumna! — affirmava um docente, com enthusiasmo.

— Na minha aula, é a mesma coisa! — confirmava outro.

Professores havia, dos mais dedicados ao ensino, que, terminada a aula, ficavam na secretaria durante meia hora esperando que a discipula acabasse de outra disciplina para ter o prazer, que era uma honra, de companhia tão encantadora.

Apesar da sua intelligencia tão pre-

cisa, tão viva, tão segura, Odilia Velloso tinha, ás vezes, em casa, esquecimentos imperdoaveis. E o mais imperdoavel de todos foi, sem duvida, aquelle de que deu mostras durante o jantar, em um dia em que havia visitas á mesa.

Absorti, pensando talvez nas lições do dia seguinte, estava a formosa viuvinha curvada sobre o seu prato, com as espaldas e os braços resplandecendo á claridade doce das lampadas, quando a conversa degenerou para a vida de magisterio, e, principalmente, para a Escola Normal, onde se acabava de manifestar mais uma crise. O coronel Alexandre, politico aposentado, censurava os professores.

— Ah! está em que dão as nomeações de meninotes, de rapazolas, de gente irrequieta para cargos de tamanha responsabilidade — dizia. — O resultado é essa desorganisação que se está vendo na Escola, onde ha partidos, ha discussões, ha grèves, como aqui fora. E os prejudicados são os alumnos, coitados, que nada têm com isso!

Encaminhada a palestra nesse rumo, falou-se da exoneração, a pedido, do professor Sancho Pacheco, substituido pelo professor Boanerges. E como se discutisse capacidades, o coronel interpellou a filha:

— Qual é a differença entre os dois, hein. Didi?

— A differença, papae?

E, antes que o velho insistisse, como se fualasse a uma collega, a uma companheira, a uma amiga:

— A differença é que este usa ce-roula de seda e o outro só usava de zephir!

E continuou a cortar o seu bife, bem meudinho

GIOVANNI MORELLI



THEATRICE

"POTINS" OU POTINHOS

Artistas, auctores e os outros

Perfis sem perfidia

ITALA FERREIRA

E' uma das flores mais viçosas do nosso jardim theatral. Brasileira da gemma, desprendem-se de sua formosura os encantos e amáveis da belleza feminina dos tropicos. A scena illumina-se ao fulgor de seus lindos olhos, quando a Sra. Itala Ferreira apparece, e de tal modo que o electricista, nessa altura, nunca se dá ao trabalho de mexer nas chaves do seu mostrador.

Ha bem poucos annos era uma das feiticeiras da revista nacional. Os seus maxixes ficaram famosos e centenas de espectadores ainda hoje os recordam com infinita saudade. E' que ella os dançava não só magistralmente mas decompondo o typico bailado brasileiro em attitudes de languor e bamboleos voluptuosos, de sorte a tornar o maxixe a animada expressão do temperamento e do caracter de uma raza.

Entretanto, num surto de honestidade artistica, a Sra. Itala Ferreira poz de lado as glorias do theatro ligeiro e ingressou na comedia. E' hoje uma das nossas boas artistas do genero e as seus progressos têm sido vertiginosamente realisados. No Trianon, onde é astro maior, o publico acompanha com prazer essa evolução feliz cobrindo de applausos os seus variados trabalhos, uns mais brilhantes que outros, mas todos marcadamente conscienciosos.

A Sra. Itala cultiva a gymnastica. E' uma «sportswomen» authentica e de muita força.

FUTURO E PASSADO

A maldizente creatura, na sua tenaz preocupação de fazer o mal — ah! que mulher damnada! — dava conselhos á amiga:

— Acaba com isso, filha. Estás a perder o teu tempo. Elle é leviano, inconstante e, ainda por cima, pobre! Isso não tem futuro...

A outra, que não pedira conselhos, achando já demasiada aquella impertinencia e fixando a vista nos primeiros pés de gallinha que estrellavam os olhos da «conselheira», disse, a rir, como quem não se zangara:

— Não quer dizer nada, porque tambem tu já não tens futuro... Só te resta o passado.

PEPITA DE ABREU

A saída da distincta actriz Sra. Pepita de Abreu do Theatro S. José não pôde passar sem um registro, rapido embora, em que se manifesta o vivo pezar que esse facto causa ao publico.

A Sra. Pepita de Abreu é uma das expressões mais brilhantes do nosso theatro. Com uma personalidade muito bizarra, a querida artista soube fazer-se admirada de todos por sua alta elegancia, primorosa educação e cultura não commum servida por um espirito pétillant e mordaz.

Fazemos votos para que não seja tão definitivo, como dizem, o afastamento da luminosa estrella do elenco do S. José.

INADVERTENCIA DE EMPRESARIO

A Companhia Inglesa de Comedias, que ha poucos dias encerrou no Lyrico os seus espectaculos, deu ao empresario que a contractou um forte prejuizo que não poderá ser facilmente coberto. Entretanto, a mesma companhia, o anno passado, no Municipal, realisou uma feliz temporada, com excellentes lucros.

E' a terceira vez que esse conhecido empresario incide no mesmo erro, que consiste em dar ao publico do Rio, anno sobre anno, a mesma companhia. Já com Velasco e Ba-Ta-Clan succedera o mesmo phenomeno: primeiro anno — lucro; segundo — prejuizo. Por que insistir? E não se diga que desta feita a culpa é dos brasileiros. Não, senhores. A quasi totalidade dos espectadores da «London Comedy» eram inglezes e americanos. Foram esses que abandonaram esse anno os artistas de sua lingua.

O QUE DIZEM BAIXINHO

— A revista que se seguirá a «Verde e Amarello», no S. José, tem 14 quadros de comedia e 7 numeros de musica.

— A burleta que subirá no Carlos Gomes, após «E' a tal do telephone», comporta 30 numeros de musica e não tem comedia.

— Solução: de commum accordo, vão ser trocadas as partituras e no fim tudo dará certo.

— O applaudido revistographo Marques Porto trouxe promptas 3 revistas, de volta da Europa. Mas, trouxe-as na cabeça, e não nas malas, como confessava o «Monsieur de Madama».

CORONEL KHAR ONA

Chronica photographica da Cidade

TORNEIO INITIUM DA A. M. E. A.



Em cima: 1.ºs teams do Fluminense, campeão do torneio, e do S. Christovão, que se collocou em segundo lugar; em baixo: teams do Botafogo e Flamengo, que disputaram o mesmo torneio.

Pontins...

As camas

Madame havia sahido para a missa com aquella sua amiga intima, a quem se ligara desde o collegio, quando o marido entrou no quarto e encontrou a creada fazendo a cama. Petulante e dada a intimidades a rapariga começou, logo, a tagarellar.

— Eu gosto menos quando o senhor dorme em casa do que quando madame dorme com alguma das amigas!

— Por que, Francelina?

— Por causa das camas. Quando o senhor dorme em casa, eu tenho de manhã duas camas para fazer: a do senhor e a de madame. Ao passo que, quando é amiga que dorme aqui com madame...

E sem-vergonha:

— As duas só desmancham uma cama...

Modos de dizer...

A illustre senhora fallava tão alto, no auto-omnibus, que, não obstante o barulho do carro, se podiam ouvir, do banco visinho, as suas palavras de indignação. Tratava-se da levandade de um amigo, que fallara mal da sua pessoa.

— Eu admitto, — dizia ella á amiga que a acompanhava, — eu admitto que um sujeito como elle falle de uma senhora. Mas que falle pela frente.

E furiosa:

— Elle podia fallar de mim pela frente; por detraz, não!

Despeito...

Aquella interessantissima figura de mulher vi-nha, ha tempos, sendo perseguida pelo conhecido ex-deputado, figura austera de bilontra. Madame é, entretanto, um typo esguio, fino, moderno, sem protuberancias, em quem o vestido cae, pela frente, ou por traz, sem dar um salto ou fazer uma prega.

Uma d'estas tardes, o antigo parlamentar tomou um omnibus acompanhando a moça, e saltou em frente ao Copacabana-Palace. Na praia abordou-a.

— Que é que o senhor quer? — foi a resposta, em tom insolente.

O ex-deputado mirou-a, de alto abaixo. E, num tom de mófa:

— Perdão, minha senhora; a culpa é minha.

E perverso, batendo em retirada:

— Eu já podia ter visto que a senhora é uma «despeitada»!...

O ponto terminal

Quando aquella formosa senhora tomou o bonde de Ipanema, o joven medico municipal apressou-se em esconder o braço por traz do seu busto, ficando, assim, com a mão imprensada. De minuto em minuto, a moça corava, esfriava, empaldecia. De repente, não poudes mais, e rugiu:

— Até onde quer chegar o senhor?

E elle:

— Até o ponto terminal, minha senhora! Terá chegado até lá?

A blusa ameaçada

Mademoiselle é uma daquellas meninas modernas, que usam o vestido em cima da pelle. E faz isso, quer se trate de um vestido de tricolore, quer de crepe da China.

Um d'estes dias, tomou ella o bonde, em frente ao Ponto Chic. «Pirata» de primeira ordem, o conhecido advogado e escriptor acompanhou-a, sentando-se ao seu lado. E não tirou mais os olhos da sua plastica petulante.

A certa altura, o homem de leis não poudes mais.

— Mademoiselle, — disse-lhe, — o seu pae deve ser um homem rico.

— Por que o senhor diz isso? — estranhou, brejeira, a moça.

E elle:

— Porque, se elle fosse pobre, estou certo que a senhora não se arriscaria a furar essa blusa com a fricção continua desses botões!

A campainha retiniu. E a mocinha desceu.

As providencias

Quando o joven commerciante empurrou a porta do quarto, viu que alguém pulava a janella, com as roupas na mão. Olhou para o quintal e viu, ainda, um vulto pulando para o quintal visinho. E quando suspendeu o lençol, encontrou madame em trajes de Eva, e que lhe confessou tudo, amedrontada.

No dia seguinte, o pobre marido foi queixar-se ao sogro.

— E que providencias tomou? — indagou o velho, que é um ancião honrado.

— Eu? Tomei as mais severas, as mais rigorosas.

E de punho cerrado:

— Mandeí collocar uma porção de cacos de garrafas em cima do muro!



OLHO DE VIDRO



So'a martello!

PARA AQUELLES QUE SE ILLUDEM
COM OUTRAS MARCAS, repeli-
remos sempre as palavras
do eminente Dr Mario Graccho:
*'Attesto que tenho empre-
gado em minha clinica*

**O EMPLASTRO
PHENIX**

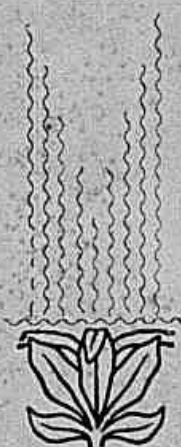
obtendo optimos
resultados na **Cura** do
RHEUMATISMO, dores nas Costas
e no peito, constipações, etc.

Quando comprar Emplastro
exija do seu pharmacia-
ceutico esta marca →
que e a do LEGITIMO
EMPLASTRO PHENIX



EXIJAM
ESTA
MARCA

FLUXO-SEDATINA



A "FLUXO-SEDATINA" é o GRANDE REMEDIO DAS SENHORAS e SENHORITAS em todas as idades.

PORQUE?

1.º — Porque as PALPITAÇÕES, Dôres de cabeça, ENJOOS, Vista turva, PESO NA CABEÇA, Vertigens, DORES NO VENTRE, Falta de memoria, CANSAÇO, Falta de animo, VOMITOS, Falta de appetite, que PROVÊM SEMPRE do utero doente, que faz da mulher um CADAVER VIVO, desaparecem rapidamente com o uso da "FLUXO SEDATINA".

2.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" combate com vigor as IRREGULARIDADES da menstruação, como REGRAS dolorosas, REGRAS excessivas, FALTA de regras, SUSPENSÕES, COLICAS uterinas, CORRIMENTOS e INFLAMMAÇÕES DO UTERO.

3.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" engorda, restitue a ALEGRIA e a SAÚDE as MOÇAS PALIDAS, ANEMICAS, que soffrem de FLORES BRANCAS, Nervosia, INSOMNIA, Hysterismo, MAL-ESTAR e Doenças proprias da sua idade.

4.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" evita os abortos e suas CONSEQUENCIAS FATAES e nos Partos é um PODEROSO AUXILIAR, facilitando, diminuindo as dôres e EVITANDO as HEMORRHAGIAS.

5.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" é o unico medicamento efficaz que NUNCA FALHA. E' o GRANDE REMEDIO do utero, calmante, REGULADOR, sendo DIARIAMENTE receitado pelos medicos e pelas parteiras, e usada com resultados CERTOS em todos os Hospitales e Maternidades da America do Sul.

✦ ✦ ✦ Licenciado pelo D. N. S. Publica, sob n. 67, em 28 de Junho de 1915 ✦ ✦ ✦